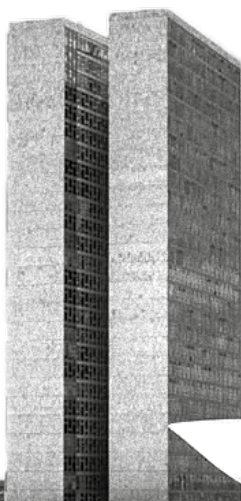




Relatório

EVANGÉLICOS NAS REDES E ELEIÇÕES 2022



Sumário

04 *Apresentação*

06 *Introdução*

12 *Metodologia*

- 1.1 Base de dados: Extração e recortes
- 1.2 Segmentos: Extrema direita, Centro e Campo democrático
- 1.3 Relatórios
- 1.4 Plantão das eleições

32 *Plataformas de comunicação política e de fé*

- 2.1 Produção de conteúdo e presenças nas redes
- 2.2 Facebook
- 2.3 Instagram
- 2.4 YouTube
- 2.5 Financiamento e monetização financeira

46 *Os perfis evangélicos nas redes sociais*

- 3.1 A lista
- 3.2 Tipologia dos perfis
- 3.3 Cabeças de rede
- 3.4 Michelle Bolsonaro
- 3.5 Lideranças “anônimas”
- 3.6 Ecossistema de amplificação das narrativas

64 *A “cosmovisão” da extrema direita evangélica*

- 4.1 Pânico moral e alarmismo: Da “Guerra cultural” evangélica
- 4.2 Máquinas de desinformação
- 4.3 Pautas de reivindicação política: Orgulho conservador
- 4.4 Frente ampla em torno do “escolhido de Deus”
- 4.5 Golpismo em nome de Jesus

86 *Análises sobre o campo democrático*

- 5.1 Reconhecimento dos evangélicos do campo democrático
- 5.2 Presença nas redes e principais atores
- 5.3 Narrativas em disputa
- 5.4 Rotina na produção de conteúdo e métricas de engajamento
- 5.5 Onde está o centro no segmento evangélico?

94 *Conclusão*

- 6.1 Cosmovisão cristã conservadora e à direita
- 6.2 A centralidade das pautas morais no ativismo evangélico
- 6.3 Um ecossistema multiplataforma em conexão com as bases
- 6.4 Radicalização: Nem os moderados herdarão o reino dos céus
- 6.5 O “fundamentalismo evangélico” é o maior inimigo da democracia brasileira?

102 *Expediente*

Apresentação



Não é possível compreender os processos eleitorais no Brasil contemporâneo sem compreender as dinâmicas, os movimentos e tudo o que se articula nas redes sociais e a partir delas. Essa assertiva é tão verdadeira quanto afirmar que não se pode compreender o jogo político no país sem reconhecer o papel dos evangélicos. Convencida dessas premissas, a Casa Galileia aceitou o desafio da iniciativa Democracia em Xequê de monitorar perfis, páginas e canais das redes sociais evangélicas de maior engajamento do campo da extrema

direita, mas também ao centro e à esquerda, para entender as narrativas postas em jogo nas Eleições de 2022.

A missão da Casa Galileia é contribuir para o fortalecimento da democracia e para a promoção dos direitos humanos e da justiça socioambiental, e buscamos fazê-lo também a partir da compreensão e construção de narrativas, em diálogo com o campo cristão católico e evangélico, que possam enfrentar com ousadia e inovação a onda discursos reacionários que ameaçam a garantia de nossa democracia. Os dados

monitorados ao longo de 2022 pela nossa equipe demonstram que aquilo que muitas vezes convencionou-se chamar de “os evangélicos” são, na verdade, um emaranhado heterogêneo de sujeitos, instituições, práticas, narrativas e interesses, que tensionam o campo político a partir da mobilização de suas bases, mas também em esferas da vida pública institucional como os partidos, mandatos, gabinetes, tribunais judiciais etc.

Nossas análises, levadas a cabo por uma equipe com extrema qualificação no âmbito metodológico, mas também por conhecimento, estudo e vivência em comunidades e instituições evangélicas, nos apontam que para além do processo eleitoral de 2022, a escuta ativa, a compreensão e o diálogo com o segmento evangélico são condições indispensáveis para fortalecer a democracia. Ao contrário de

algumas percepções e práticas, nós continuaremos atuando para potencializar a experiência religiosa de evangélicos e evangélicas que, a partir de suas próprias tradições religiosas, lutam para tornar o Brasil um país sem violência, com democracia, respeito ao meio ambiente e promoção da diversidade.

Ao compartilhar esta síntese das análises decorrentes do monitoramento de redes evangélicas no período de Fevereiro a Novembro de 2022, no contexto pré-eleitoral e eleitoral de primeiro e segundo turnos, apresentada neste relatório, esperamos que a sociedade civil brasileira, atores políticos e institucionais, incluindo religiosos, comprometidos com a democracia e os direitos humanos possam ganhar maior inteligibilidade na compreensão e diálogo com a diversidade do evangelicalismo brasileiro.

Introdução



Os evangélicos atuam na política institucional brasileira desde a década de 1930, mas cinquenta anos depois, com o advento da Nova República, em 1985, reforçados pela chegada tardia dos pentecostais, foi que obtiveram protagonismo nos espaços legislativos. A partir desse momento emerge a ideia de articular uma “banca evangélica”, um lobby organizado de parlamentares agindo em nome do segmento. Ao longo das últimas décadas, as elites evangélicas vinculadas às grandes denominações tomaram gosto pela política partidária e pelo acesso ao poder. O crescimento numérico e a influência social cada vez maior alimentaram narrativas autorreferentes de que os evangélicos estavam destinados a ser a promessa do futuro da nação. À força legislativa, seguiu-se a ambição de conquistar a posição mais poderosa da República. Foi se fortalecendo a

ideia de eleger um presidente evangélico: Anthony Garotinho, Cabo Daciolo, Marina Silva, Everaldo Pereira foram candidaturas com forte vínculo com o segmento, entrando no cálculo das lideranças para que esse autodesignado “destino manifesto” se cumprisse. O pragmatismo político, porém, sempre indicou outro caminho, menos identitário ou ideológico.

Nessa quadra da história, contudo, muitas lideranças, influenciadores e igrejas evangélicas mobilizaram suas bases e seguidores a votar, em 2018 e novamente em 2022, em Jair Messias Bolsonaro, capitão do baixo clero, autodenominado católico, mas “batizado nas águas” por um pastor assembleiano.

Mais que um movimento de mobilização de votos movidos, como antes, por interesses eminentemente corporativos, viu-se uma aposta em um projeto de consolidação de uma plataforma ideológica comum

para os evangélicos. Parcela expressiva dos pentecostais, juntamente com segmentos históricos e neopentecostais, aderiram e se articularam a uma plataforma político-ideológica na defesa da agenda da extrema direita, uma agenda dita de “maioria cristã” e em defesa dos “valores cristãos”. Os primeiros sinais dessa articulação já estavam embrionários na candidatura do Pr. Everaldo, em 2014, mas se consolidaram em 2016, quando forças evangélicas atuantes na arena política previram o ocaso da era petista, e ajudaram no processo que resultou no golpe parlamentar contra Dilma Rousseff, pelo estratagema político que incluía o então presidente da Câmara e evangélico Eduardo Cunha como um de seus principais protagonistas. Quem não se lembra de que exatamente no dia do afastamento de Dilma Rousseff da Presidência da República, no fatídico 12 de maio de 2016, Jair Messias Bolsonaro descia às águas do

batismo no rio Jordão por não menos que o pastor assembleiano e presidente do PSC, Everaldo Pereira?!

Mas o ovo da serpente foi chocado nas eleições de 2018, com a decisão de elites eclesiais e políticas evangélicas de fazer uma “opção preferencial pelo bolsonarismo”, esta forma recente que o extremismo político e ideológico passou a assumir no Brasil. No mercado de bens políticos, o bolsonarismo deu a oportunidade a estas elites de organizarem pela primeira vez um acoplamento justaposto entre a promoção de suas agendas morais e o acesso ao poder nunca antes experimentado. Ganharam de bônus um “terrivelmente evangélico” no Supremo Tribunal Federal, além de, certamente, muitas outras benesses.

Evidentemente que essa breve digressão sobre como uma parte do segmento evangélico decidiu fortalecer-se como religião pública a partir do projeto da extrema direita bolsonarista não exclui os projetos alternati-



vos que sempre foram gestados em seu interior, inclusive em oposição absoluta ao anteriormente exposto, assim como não se pode deixar de considerar que uma parcela significativa de seus fiéis é majoritariamente feminina, pobre e preta, e não pode ser subsumida a decisões de suas lideranças e seus projetos político-partidários.

No entanto, tal opção de parte das elites evangélicas fez terrivelmente mal ao conjunto dos evangélicos, no modo como o segmento é percebido pela opinião pública, com consequências deletérias para o caráter democrático do próprio debate público, contribuindo para o conjunto de razões que levou a maioria do povo brasileiro a eleger Luiz Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin numa frente ampla e democrática.

Antes, porém, da necessária pergunta a respeito de como, com a derrota de Bolsonaro nas urnas juntamente com as elites evangélicas que se consorciaram às forças de extrema

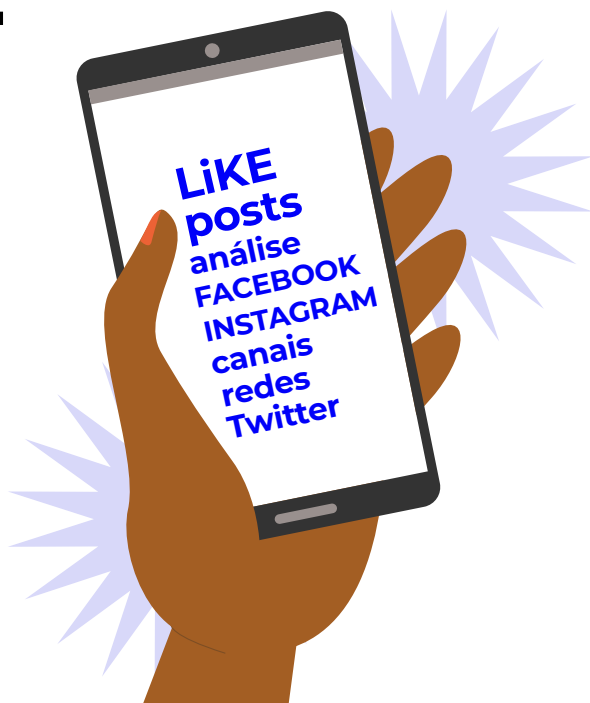
direita, livrar parte significativa de igrejas e suas lideranças do encantamento da serpente do extremismo, impôs-se a compreensão do modo como o discurso de extrema direita se articulou ao ecossistema de evangélicos nas redes sociais — entre perfis, páginas e canais, uma gama heterogênea de pessoas vinculadas às igrejas e instituições evangélicas em distintos modos de relação e inserção com suas audiências evangélicas, nas plataformas do Facebook, Instagram e YouTube. Foi a essa tarefa que nos dedicamos durante os meses de Fevereiro a Novembro de 2022, no âmbito da iniciativa Democracia em Xequê, um consórcio de várias equipes de pesquisadores e pesquisadoras dedicados a monitorar centenas de perfis, páginas e canais de indivíduos e instituições, influenciadores e atores do campo da política, da produção de conteúdo digital e da mídia convencional e alternativa nas principais plataformas de redes

sociais. A hipótese fundante da iniciativa Democracia em Xequê se assentava na percepção da homologia entre bolsonarismo e trumpismo, como faces da extrema direita global com fortes conexões em múltiplos níveis, e que se repetiria em versão local no Brasil o famigerado ataque ao Capitólio (6 de Janeiro).

Nesse sentido, acompanhar as narrativas e os desenvolvimentos dessa estratégia e escalada golpista por meio do monitoramento das redes sociais de bolsonaristas, e as repercussões do debate público em torno dessas narrativas, acabou sendo muito importante para prefigurar ações por parte de atores institucionais e da sociedade civil comprometidos com a democracia. Esse viés, o leitor perceberá com clareza, atravessa a maior parte das análises e descrições no relatório Evangélicos nas Redes e Eleições 2022. Embora tenha havido um esforço em trazer o campo democrático para a análise, é fato que predominou

nas métricas do monitoramento, com pouquíssimas exceções, os destaques de conteúdos da extrema direita evangélica. Assim, grande parte das reflexões que foram exploradas a partir do que os relatórios revelaram estão construídas para a compreensão da direita evangélica. Por isso também reservamos a última parte do relatório para aumentar o foco sobre perfis, páginas e canais que articulam a defesa da democracia a partir da perspectiva da fé evangélica. Por fim, vale ressaltar que nossa expectativa é que esse material seja lido e sirva de referência para todas as pessoas, grupos, organizações e movimentos que entendem que a democracia não se constrói sobre mitos, mas sobre alicerces cujos elementos provêm do enfrentamento às situações e temores reais experimentados pelas pessoas, e da sabedoria e responsabilidade para indicar novas aberturas de horizontes e, por meio da liberdade e da coragem, ser capaz de explorá-los.

1. **METODOLOGIA**



1.1 Base de dados: extração e recortes

As bases de dados utilizadas na elaboração dos relatórios semanais e diários de que trata essa análise continham publicações realizadas nas redes sociais dos

perfis analisados nas três redes aqui disponíveis: Facebook (87 páginas), Instagram (280 perfis) e YouTube (75 canais). A diferenciação entre perfis, páginas e canais são especificidades de cada uma das redes, com a ressalva de que no Facebook

existem tanto perfis quanto páginas, sendo os primeiros de cunho pessoal e os segundos, de âmbito público.

O entendimento dessa diferença pessoal-público é importante, dado que o acesso das plataformas aos dados se dá somente ao material que é público, não sendo considerado nenhum perfil pessoal ou fechado. Isso se adequa aos termos e condições de cada uma das plataformas, respeitando a privacidade dos usuários.

No que tange à coleta, os dados foram obtidos a partir de uma API (Interface de Programação de Aplicações, em inglês, Application Programming Interface) que permitiu que tais dados fossem raspados de maneira automatizada diariamente e inseridos em uma base de dados na nuvem, permitindo um segundo recorte, em determinado momento semanal, e em outro momento, diário, para a

geração de relatórios.

A princípio, tais métodos de obtenção desses dados só são permitidos em casos de “pesquisa acadêmica”, como desenvolvida pela Casa Galileia, em colaboração com a iniciativa Democracia em Xequê. Assim sendo, os dados das publicações só podem ser utilizados para esse fim, não podendo ser direcionados a outras finalidades.

Após a coleta e inserção dos dados na nuvem, uma dashboard, ou seja, um painel interativo de exibição, foi desenvolvido para que tais dados pudessem ser explicitados, filtrados e baixados para que houvesse o processamento posterior, de geração dos relatórios. De maneira geral, os dados das três redes continham as mesmas informações: quem publicou, quando publicou, o que publicou e como o autor se enquadrava dentro de categorias de posicionamento político, a serem explicitadas a seguir.

1.2 **Segmentos:** **Extrema direita, Centro** **e Campo democrático**

As páginas, perfis e canais foram divididos dentro do espectro político em três segmentos: “extrema direita”, “centro” e “campo democrático”. No primeiro, foram inseridos atores-chave, como R. R. Soares, Silas Malafaia, Valnice Milhomens, dentre outros, figuras que, além de se posicionarem dentro do espectro político da extrema direita, também poderiam manifestar pouco apreço à democracia e às instituições, ou ainda incitar condições que favoreciam a geração de um clima em prol de uma ruptura institucional ou golpe de estado. Ao centro, foram monito-



rados, dentre outros, perfis como Tiago Brunet, Deive Leonardo e Ana Paula Valadão, que dentro do espectro político não apresentavam adesão a uma narrativa de ruptura, mas também sem derivarem dessa posição uma postura propriamente pró-democracia. E no campo democrático, nomes como Bispo Abner Ferreira, Pastor Henrique Vieira, Leonardo Gonçalves, Odja Barros, Cristãos contra o Fascismo, Frente Evangélica pelo Estado de Direito, dentre outros, se posicionavam publicamente em defesa das instituições político-democráticas em seus perfis.





1.3 Relatórios

Os relatórios começaram, em um primeiro momento, em um ritmo semanal, e com a proximidade das eleições, transformaram-se em diários, considerando sempre os dias anteriores à sua publicação, ou seja, nos relatórios semanais, enviados na segunda-feira, os dados diziam respeito à segunda anterior, até o domingo imediatamente antes. No caso dos relatórios diários, os dados se baseavam sempre no dia anterior, salvo os relatórios de segunda-feira, que continham dados da sexta-feira anterior até o domingo. Posteriormente, o ritmo dos relatórios retornou ao padrão semanal. O monitoramento das redes

sociais de perfis evangélicos produziu ao longo dos meses de Fevereiro a Novembro: 33 relatórios semanais, 36 relatórios de monitoramento diário de 29 de Agosto a 26 de Outubro, 9 relatórios no plantão do 1º Turno, e 11 relatórios no plantão do 2º Turno. Plantões foram monitoramentos realizados nos 2 dias prévios ao domingo de 1º e 2º turno, no dia das eleições e no dia subsequente e que geravam dados e sínteses três vezes ao dia. Produziu-se, portanto, no decorrer da pesquisa um conjunto de 89 relatórios.

Abaixo, listamos os dados que eram inseridos nos relatórios, baseados nas publicações para cada uma das redes sociais. Dado o caráter modular do relatório, cada seção será aqui tratada como módulo.

Módulo 1 - Total de mensagens por rede

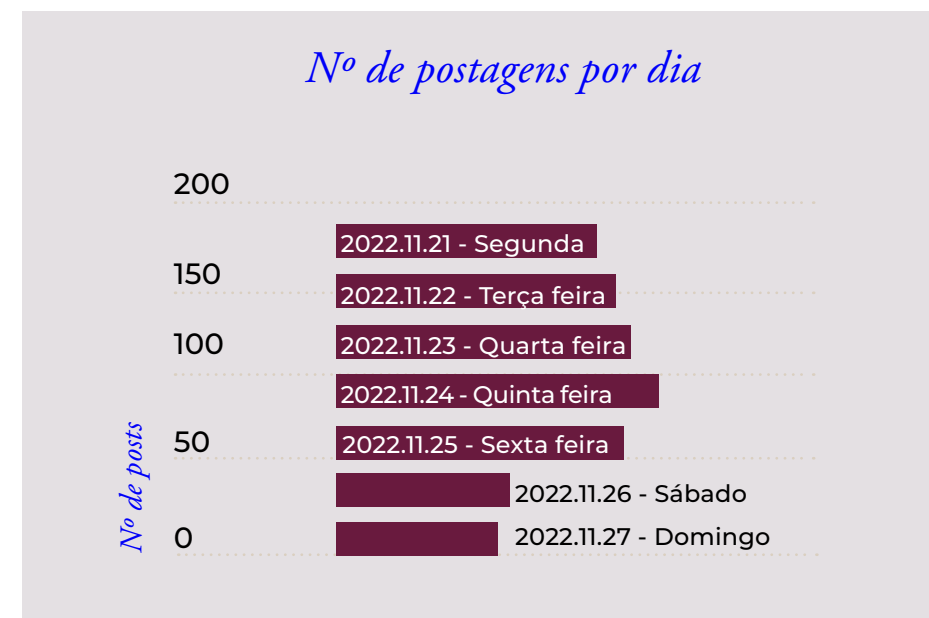
No módulo acima, inicial, era explicitado quantas mensagens circularam no período anterior. No exemplo supracitado, que é de um relatório semanal, temos a data de publicação e o total de postagens.



Módulo 2 - Total de mensagens por rede por dia

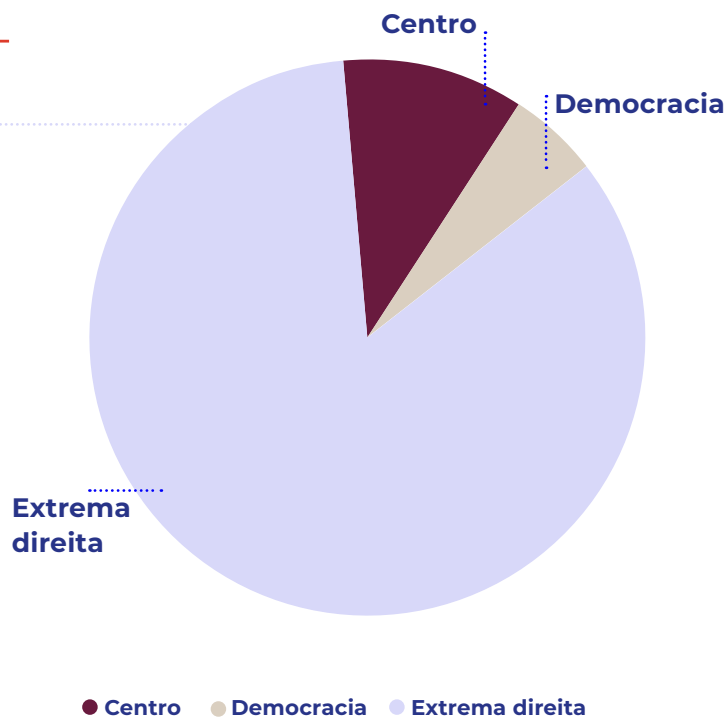
Na visualização acima, temos o número de mensagens geradas em cada dia da semana. Tal visualização nos permite entender como é o fluxo de postagens dentro do segmento geral que analisamos, e comparar com fatos e eventos ocorri-

dos. Por exemplo, após um fato político de alta importância, observou-se uma tendência de aumento no número de postagens, dado que ou há uma reação ao fato em si, ou comentários sobre o mesmo, dentre os atores analisados.



Módulo 3 - Total de publicações por segmento

Posts por categoria



No agregado semanal, temos o total de publicações por segmento, considerando Centro, Democracia e Extrema Direita. O desbalanceamento no número de perfis levava

normalmente a extrema direita a possuir mais postagens. Contudo, essa proporção se alterava quando o Centro ou a Democracia se uniam em torno de um fato.

Módulo 4 - Palavras frequentes

Palavra

Frequência

deus	332
#maislidas	144
#plenonews	135
senhor	121
vida	109
jesus	93
brasil	85
palavra	59
cristo	57
amor	51

Acima, temos as palavras frequentes utilizadas nas publicações do período em cada uma das redes. Perfis como Pleno.News, que possui um alto nível de postagens, e que mobilizam hashtags como a vista na terceira posição, tendem a aparecer

mais acima na tabela. No módulo acima, as citações a Jair Bolsonaro ou a Lula também eram contadas, possibilitando entendermos em que nível, ao longo do tempo, um suposto apoio a Bolsonaro ou a Lula era mais ou menos mobilizado.

Módulo 5 - Estatísticas dos monitorados

Palavra	Categoria	Nº de posts	Total de interações	Média de interações/post
Pleno.news	Extrema direita	470	440009	936.2
Hernandes Dias Lopes	Extrema direita	29	53881	1858.0
Bispo Jadson Santos	Extrema direita	20	52558	2627.9
Bispo Edir Macedo	Extrema direita	15	47012	3134.1
Missionário Soares	Extrema direita	38	41842	1101.1
Gospelmente	Extrema direita	19	24624	1296.0
Elizeu Rodrigues	Extrema direita	23	18367	798.6
Portal Guiame	Extrema direita	75	16903	9225.4
Gospel Prime	Extrema direita	18	10213	567.4
Povo da fé	Extrema direita	10	9384	938.4

Nesse módulo, listamos os monitorados com maior número de posts naquele período e naquela rede, explicitando o total de interações (curtidas/likes) e a média de interações por post (calculando-se simplesmente o número de interações e dividindo-se pelo número de posts).

Módulo 6 - Interações por publicação

Pastor Rodrigo Mocellin	EXTREMA DIREITA	Argumentos contra a legalização das drogas Pastor Rodrigo Mocellin. O plano de governo da Anita é matar inocentes e fumar maconha. Se liberar as drogas o consumo e a criminalidade caem? O governo vai arrecadar mais impostos legalizar as drogas?	https://www.youtube.com/watch?v=Jw3a-LHXwUbo	9733
-------------------------	-----------------	--	---	------

Nesse módulo, eram exibidas as principais publicações, a partir do número de interações, explicitando seu conteúdo textual, o link e o nº de interações registradas por ela.

Módulo 7 - Top 5 interações por segmento

RENATO & Cristiane CARDOSO	Centro	TBT Universal Largo do Socorro, 1990. Nunca desista, nunca pare de lutar, nuncaolhe para trás a não ser desistir de errar, para de lutar pelo que não merece mais o seu sangue ou olharpara trás a fim de não se esquecer de onde veio. Fé perverserança nuncadesista renatocardoso NA	https://www.instagram.com/p/CIXW-4gfLmT_/
---------------------------------------	---------------	--	---

Bella Falconi	Democracia	Na minha opinião sobre a recente e polêmica campanha da marca Balenciaga e também acerca da guerra cultural,instaura há décadas e de forma tardia percebida por nós NA	https://www.instagram.com/p/Clel-BszvBVO/
----------------------	-------------------	--	---

Similar ao anterior, mas buscando balancear os segmentos, as mesmas informações sobre interações são exibidas, mas para os 5 principais posts em cada um dos segmentos.

Módulo 8 - Soma de interações por página

<u>Página</u>	<u>Total de interações</u>
Pleno.news	770374
Pastor Antônio Júnior	488244
Isadora Pompeo	341484
Jonathan Nemer	312964
Michelle Bolsonaro	309047
Dameres Alves	293530
Magno Malta	283364
Ana Caroline Campagnolo	280128
Pr Cláudio Duarte	156512
Bella Falconi	111499

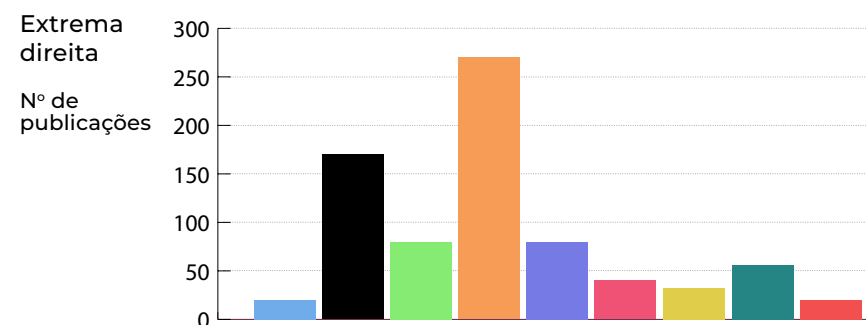
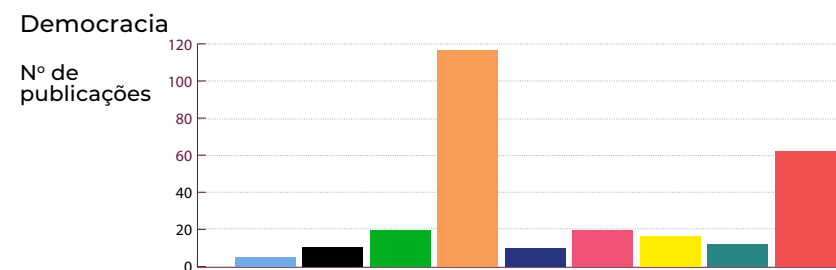
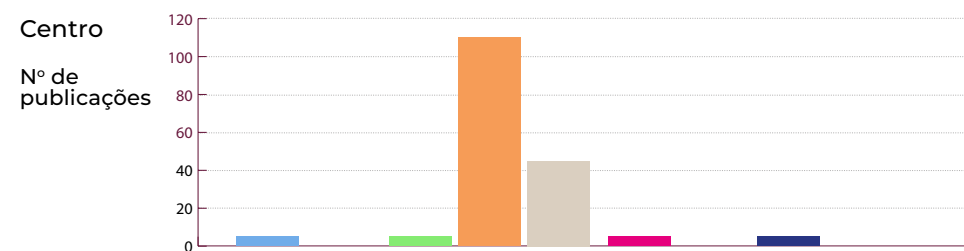
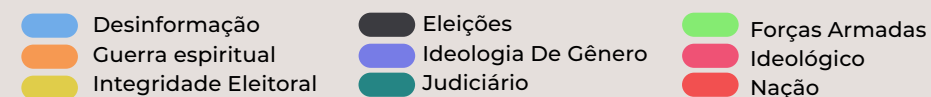
Acima, temos o total de interações que teve cada página, independente do segmento. Tal valor foi obtido a partir da soma de interações de cada postagem no período, na rede.

Módulo 9 - Estatísticas por segmento

<u>Segmento</u>	<u>Interações</u>	<u>Posts</u>	<u>Páginas</u>	<u>Interações por página</u>
Centro	617175	191	27	22858
Democracia	353343	313	59	5989
Extrema direita	3580055	860	99	36162

Acima, um módulo que indica quantas interações (somando-se todos os posts), quantos posts, quantas páginas e quantas interações por página estavam presentes em cada um dos segmentos. O número de páginas é variável de semana/semana ou dia/dia pois considera-se apenas páginas em que houve atividade.

Módulo 10 - Temas por categoria



No módulo visto acima, todas as mensagens/publicações/transcrições eram analisadas em um modelo semi-supervisionado de tópicos, buscando temas alinhados às necessidades do projeto. Em outras palavras, temas/tópicos são buscados por um modelo estatístico automatizado, que foi previamente alimentado por possíveis palavras-chave desses temas, como desinformação, guerra espiritual, eleições etc., e que consegue inferir novas palavras para determinar esses temas.

O processo se deu em dois momentos: os pesquisadores, a partir de uma amostra de posts reais, montaram um “dicionário” que indicaria palavras-chave de cada um dos temas. Esse dicionário serve como recurso ao modelo, que ao processar

novas mensagens, vai além de um simples filtro, analisando, dentre as palavras-chave utilizadas, outras palavras que se encontram no mesmo contexto e que não foram previstas anteriormente. Com todo o léxico encontrado no *corpus* (o conjunto de textos), o modelo monta um espaço latente, aqui denominado de *Latent Dirichlet Allocation* (LDA), no qual palavras costumeiramente usadas juntas, mantém uma proximidade.

Em um exemplo possível, a palavra “militar” foi escolhida pelos pesquisadores para compor o tema “Forças Armadas”. Contudo, em determinado momento, a palavra “quartéis” começou a ser utilizada, e não foi prevista antes. Assim, o modelo inseriu a palavra “quartéis” dentro desse espaço latente, e



a distância dessa palavra com “militar” é menor do que com “igreja”, o que o permite inferir que esse termo pertence ao tema “Forças Armadas”.

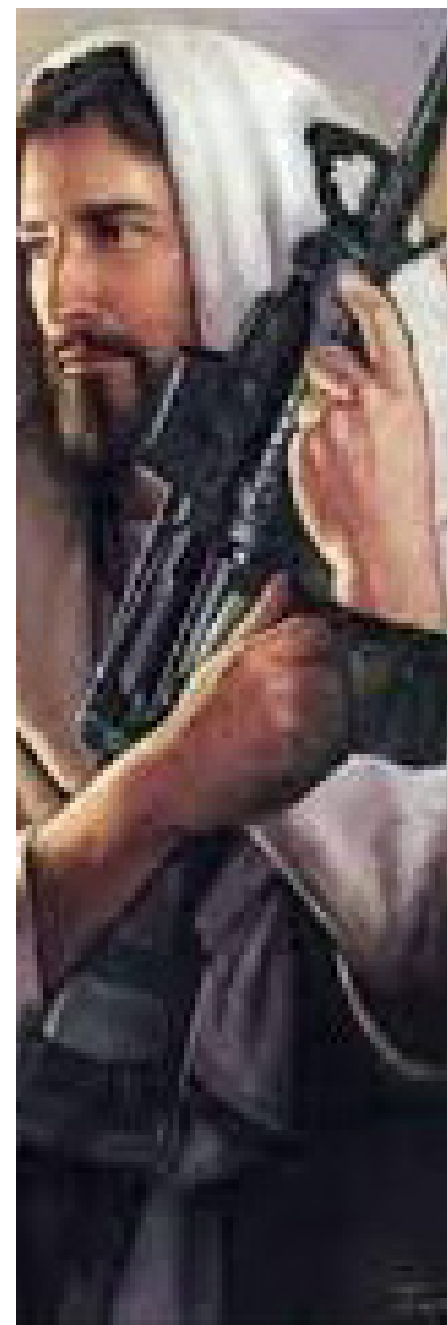
Diferente de um modelo de tópicos puramente exploratório, como consiste o básico do LDA, que é um modelo não-supervisionado, o modelo de palavras-chave assistidos, sendo semi-supervisionado, permite maior depuração do pesquisador no momento de buscar associações e temas desejados. No LDA, os tópicos não são escolhidos pelo pesquisador, mas sim pela máquina, cabendo ao primeiro apenas o número de temas desejados. No modelo utilizado, que representa um grande avanço nas técnicas de *Natural Language Processing* (NLP), o entendimento da máquina sobre o contexto das publicações é melhor direcionado.

1.4 *Plantão das eleições*



Como explicado acima, foi montada uma *dashboard*, ou seja, um painel interativo, no qual foi possível explorar em tempo real as postagens publicadas no Instagram e no Facebook perto do período eleitoral. Tal medida era extremamente importante pois, entendendo a rapidez do impacto das mídias no voto, e também o fato de que algumas mídias podiam ser deletadas em pouco tempo por determinação do TSE

ao espalharem Fake News, esse acompanhamento permitiu entender movimentos, posicionamentos e alianças dentro do grupo de evangélicos. O YouTube não pôde ser monitorado por meio do painel, sendo feita de modo artesanal, pois a obtenção de dados é realizada de uma maneira que não permitia a inserção dentro do fluxo da *dashboard*, ficando ela restrita ao Instagram e ao Facebook.



2 PLATAFORMAS DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA E DE FÉ



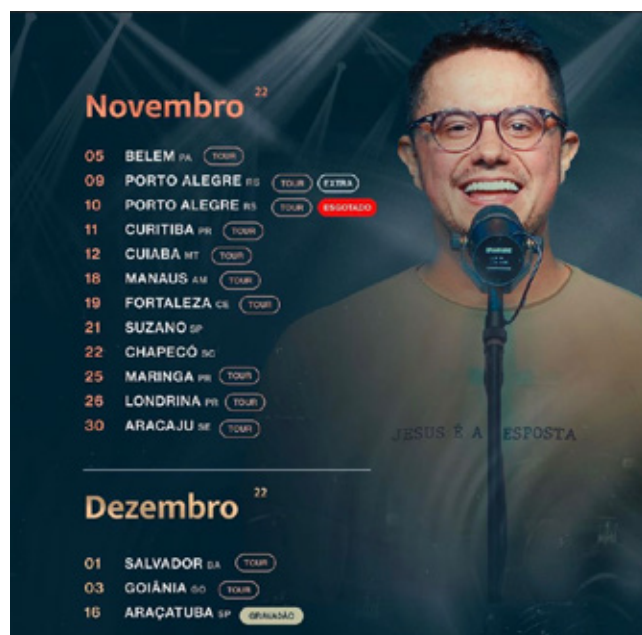
2.1 Produção de conteúdo e presenças nas redes

O ecossistema da extrema direita tem presença nas redes sociais há pelo menos uma

década. Desde as eleições de 2018 analistas têm chamado a atenção para a força que essa presença tem imprimido e desbalanceado a disputa eleitoral, que já não acontece de modo exclusivo em seu *modus*

operandi tradicional, especialmente determinante pela propaganda massiva por meio de rádio e TV. O uso intensivo de plataformas digitais mais populares como Facebook e WhatsApp foram fundamentais nos últimos pleitos para a garantia da disseminação de propaganda e desinformação, construção de comunidades e “caixas de ressonância” de conteúdo da extrema direita, operados de forma coordenada. Estas plataformas de comunicação digital, construídas e alimentadas há anos pela extrema direita, também vêm sendo cultivadas por organizações, igrejas, ministérios, lideranças pastorais e influenciadores evangélicos desde o seu início por meio da rotina de produção de conteúdo religioso, que inclui orações diárias, reflexões e pregações.

O ethos evangelizador e missionário do campo evangélico recria e formata conteúdo para as redes sociais, para conectar-se a milhares, em alguns casos milhões, de seguidores que atendem suas comunidades presencialmente ou vinculam-se apenas virtualmente em um intrincado emaranhado de canais e páginas de conteúdos diversos. Não é de somenos importância destacar que essa produção de conteúdo para as plataformas digitais é intensa, com graus de profissionalismo variado. Lives e programas gravados em igrejas e estúdios bem produzidos se misturam a cenários caseiros ou improvisados, assim como roteiros e narrativas bem construídas figuram lado a lado com postagens mais emocionais e feitas no calor do momento.



Ao falar do ecossistema evangélico, estamos falando de um alcance que soma milhões em qualquer métrica que considerarmos, e que se compõe tanto de mensagens motivacionais de teólogos e pregadores numa estética e linguagem “coach”, como as milhões de visualizações e likes mobilizadas nos canais de Deive Leonardo e Tiago Brunet, quanto de conteúdos alarmistas de uma escatologia tradicional eivada de

cores conspiratórias da retórica antiglobalista e antivacina que se notabilizou nos últimos anos, no discurso do canal do Povo da Fé e de Rafael Bitencourt. Postagens de políticos evangélicos bolsonaristas para destacar atos de governo e discursos pró-Bolsonaro como os de Magno Malta e Damarens Alves se destacam junto a postagens com frases bíblicas motivacionais de pastores como Hernandes Dias Lopes e Antônio Júnior.



Embora uma mirada superficial para o grande número de perfis, páginas e canais do Facebook, Instagram e YouTube possa supor que elas são onipresentes em todas as redes, ocupando a totalidade das redes sociais, os atores que monitoramos estão distribuídos de maneira distintas, conforme o perfil de seu discurso, de atuação a partir da estratégia que desenharam ou das audiências com quem conversam.





2.2

Facebook

Durante todo o monitoramento, percebeu-se que os destaques nos relatórios eram praticamente exclusivos das páginas da extrema direita. Mesmo quando ampliou-se o escopo de observação para um ranking diário com as cinquenta postagens de maior alcance, a extrema direita ocupava

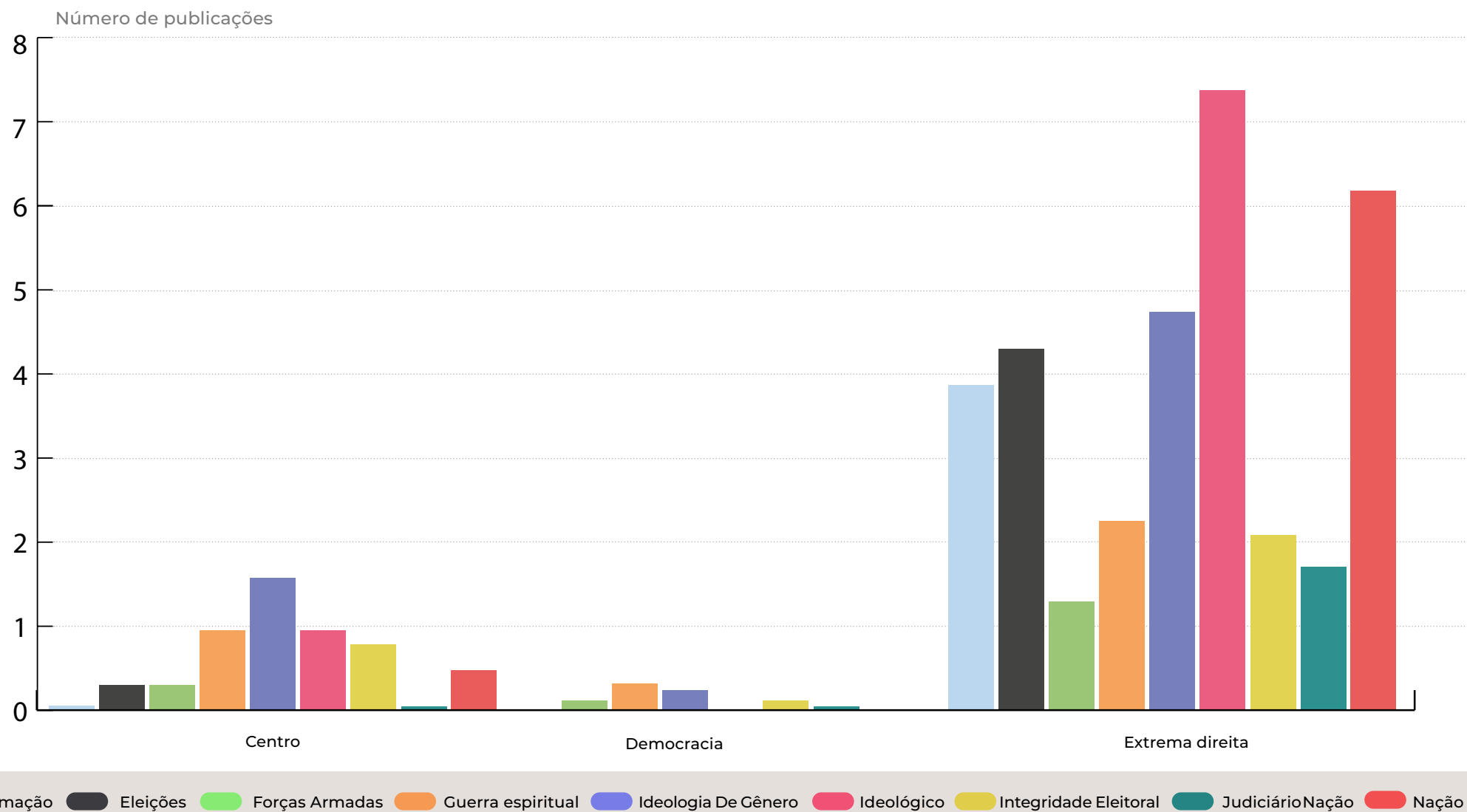
praticamente todas as posições durante todo o tempo. Seja por lideranças pastorais e políticas como Silas Malafaia, Nikolas Ferreira e Magno Malta ou por portais de notícias gospel como Pleno News, Gospelmente ou Gospel Mais. Destaca-se no Facebook a presença e alcance de páginas da Igreja Universal do Reino de Deus, como da própria IURD, do Bispo Edir Macedo ou do Bispo Jadson Santos.



A partir do gráfico de temas por categoria do Facebook, referente ao período de Fevereiro a Novembro de 2022, é possível confirmar a disparidade na produção de conteúdo entre os segmentos evangélicos nesta rede social. O segmento Democracia tem uma participação ínfima no Facebook, o Centro aparece com timidez, mas se posicionando em todos os temas, com exce-

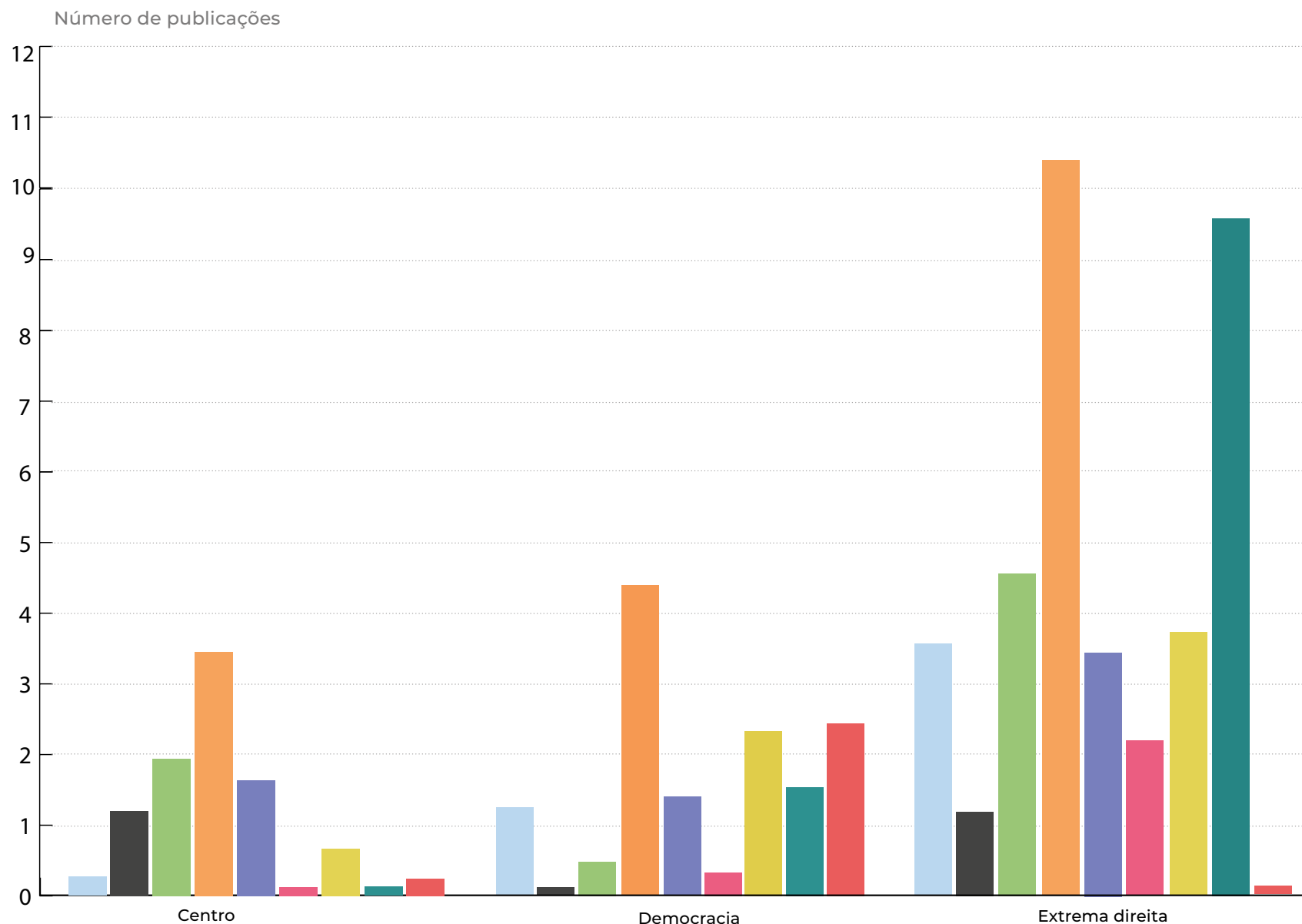
ção da categoria “Judiciário”. Portanto, a Extrema Direita domina os rankings com folga, com destaque às publicações dos seguintes temas respectivamente: 1. Ideológico, 2. Nação, 3. Ideologia de Gênero, 4. Eleições e 5. Desinformação. Para lembrar a metodologia usada no gráfico de temas, é só retornar ao tópico 1.3 Relatórios no Módulo 10 referido aos “Temas”.

Temas por categoria Facebook



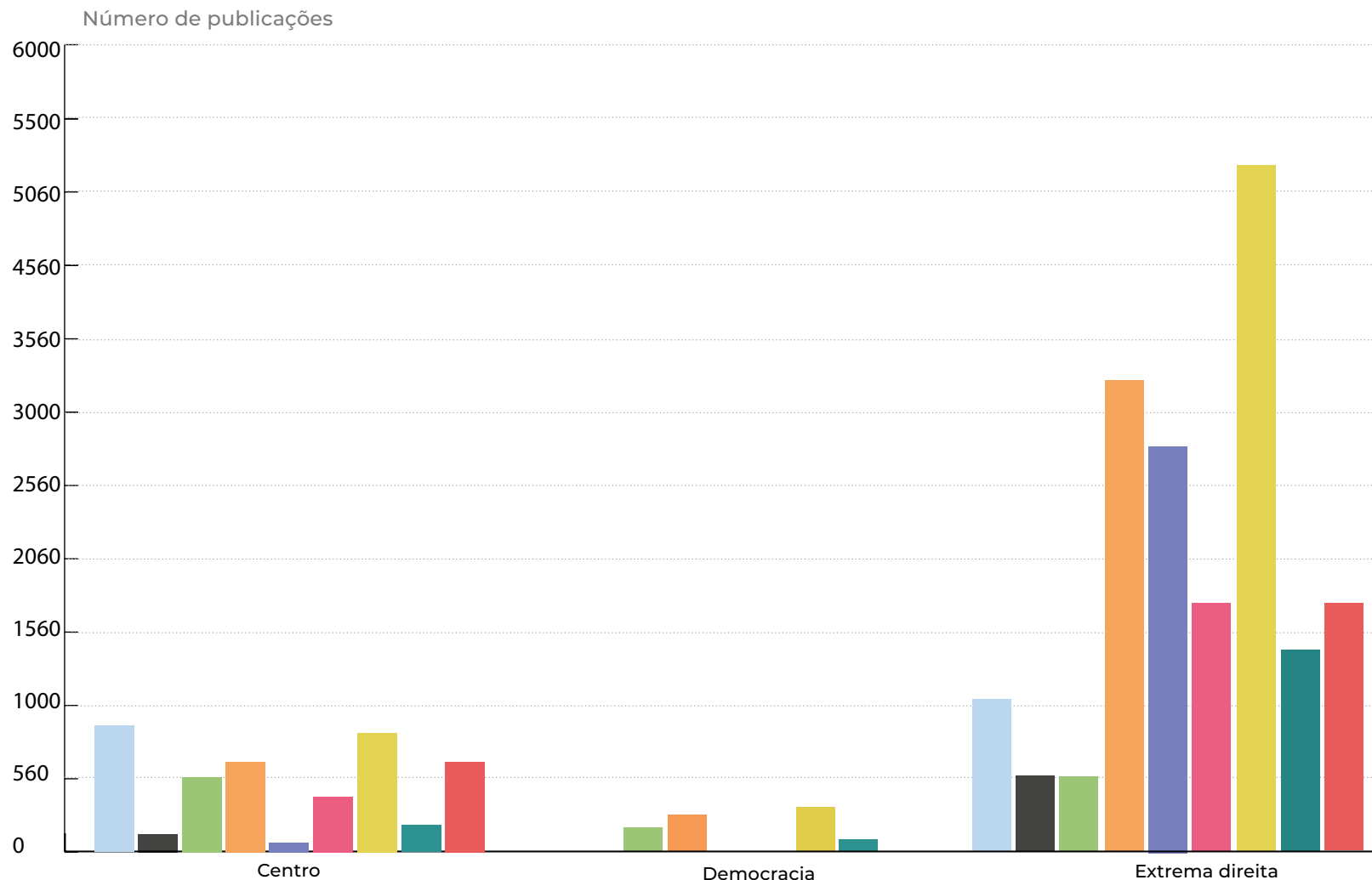
2.3 Instagram

O Instagram foi desde o início do monitoramento a rede social com maior diversificação em termos de ocupação por perfis de centro e do campo democrático evangélico, assim como pela maior frequência e alcance de suas postagens. Assim, os perfis do Pr. Ed René Kivitz, Pr. Henrique Vieira ou do Cristãos contra o Fascismo puderam se destacar em alguns momentos. No entanto, também no Instagram há uma dissimetria entre estes e os perfis da extrema direita evangélica.



2.4. Youtube

No YouTube, a extrema direita evangélica disputa espaço e o topo do ranking de engajamento com os canais de centro, sobretudo os que produzem conteúdos de orações diárias e pregações motivacionais, os quais lideraram as métricas no decorrer de todo o ano. É importante também destacar que estes canais mantêm uma considerável frequência e volume de vídeos postados por dia. O campo democrático, para além de ter métricas de engajamento baixas, tem uma produção de conteúdo desproporcionalmente pequena em relação aos outros segmentos.





Vale ressaltar que no período eleitoral os canais da extrema direita evangélica passaram a investir na realização de lives de mais de 1 hora de transmissão com convidados, comentários e discussões dos grandes temas que permearam a disputa presidencial. O canal Povo da Fé, por exemplo, se transformou praticamente num pool de comunicação que reunia “porta-vozes” de vários canais da extrema direita evangélica em lives diárias que batiam recordes de engajamento todos os dias. No YouTube chama a atenção

a participação ínfima do segmento democrático no gráfico de temas referente ao mesmo período já mencionado. O Centro ocupa o segundo lugar com uma participação significativa, mas com produção de conteúdo desproporcional ao segmento Extrema Direita, que também domina o engajamento nesta rede social. Neste gráfico vale destacar o topo do ranking de temas na extrema direita respectivamente: 1. Integridade Eleitoral, 2. Guerra Espiritual, 3. Ideologia de Gênero. Coincidentemente, os dois temas que

dominam o ranking da extrema direita, também ocupam a mesma posição em relação ao Centro. A análise dos conteúdos no decorrer do monitoramento também demonstraram que foi no YouTube onde mais se disseminou as narrativas que questionavam a integridade do processo eleitoral.

2.5 Financiamento e monetização

A sobreposição desproporcional da extrema direita em todas as redes sociais monitoradas, em comparação aos outros segmentos, na produção de conteúdo, nas métricas de postagens, visualização e engajamento, é um dado relevante para levarmos em conta. Seus influenciadores detêm capacidade de financiamento e monetização de seus conteúdos que mantêm esses canais e perfis relevantes e não

podem ser desconsiderados. Nesse sentido, há uma parte importante da engrenagem de manutenção deste ecossistema que não é orgânico e espontâneo, já que ele precisa de alcance e audiência para orientar e tornar predominante as suas narrativas nos meios de comunicação. As máquinas de fake news, os veículos de propaganda de produtos variados, as plataformas de venda de cursos e assessorias online garantem, dessa maneira, a pastores, missionários, artistas e influenciadores visibilidade e rendimento financeiro substancial.

Portanto, perguntas ainda a serem exploradas por estudos subsequentes: Como estes canais e produtores de conteúdo são financiados? Quais são as estratégias e modalidades de monetização que mantêm os porta-vozes da extrema direita evangélica no topo do ranking de alcance nas redes sociais?

3. OS PERFIS EVANGÉLICOS NAS REDES SOCIAIS



3.1 A lista

Como mencionado na parte metodológica, este monitoramento acompanhou 442 perfis, páginas e canais evangélicos

distribuídos nas seguintes redes sociais: 87 páginas no Facebook, 280 perfis no Instagram e 75 canais no YouTube. Uma lista inicial foi proposta a partir do levantamento das

principais lideranças evangélicas já conhecidas previamente pelos pesquisadores, considerando as áreas da política, da pastoral e influenciadores digitais. O objetivo não era conformar uma lista exaustiva, mas identificar e acompanhar os principais e mais influentes *players* do segmento evangélico nos meios digitais, atentando para sua heterogeneidade. A partir desta primeira lista exploratória foi possível identificar outros perfis e passar para a etapa de verificação, ou seja, identificar e validar os perfis destas lideranças nas redes sociais já mencionadas. Curiosamente, a presença destas lideranças nas redes sociais não é homogênea, apresentando números de seguidores às vezes bastante distintos, nem simultaneamente para todos os casos. A lista foi atualizada no de-

correr do monitoramento, na medida em que fomos tomando conhecimento de novos atores e seus perfis pela dinâmica do processo eleitoral. Alguns perfis foram identificados e adicionados a partir dos conteúdos dos próprios perfis monitorados que nos levaram a estes novos atores, complexificando o ecossistema à medida que a pesquisa se desenvolvia e amadurecia metodologicamente. Quanto ao difícil exercício de categorização dos perfis como “extrema direita”, “centro” e “campo democrático”, além do conhecimento prévio do segmento evangélico por parte dos pesquisadores, foi acrescida a checagem de publicações nos feeds dos perfis para buscar os indícios do campo semântico das narrativas comumente produzidas pela extrema direita e pelo campo democrático.

3.2 Tipologia de Perfis

Já na elaboração da lista de perfis a serem monitorados, entendeu-se que seria necessário identificar um conjunto diverso e heterogêneo de atores institucionais e indivíduos que com seus posicionamentos jogam um papel central no debate político, ao mesmo tempo em que não se poderia deixar de considerar perfis menos ativos politicamente mas com uma audiência importante que poderia ser mobilizada ocasionalmente.

A classificação aqui proposta do ecossistema evangélico é um exercício de ordenamento, a ser posteriormente refinado, dos perfis, páginas e canais por sua atividade principal em sintonia com a autodeclaração dos próprios atores. Tem sido muito comum que lideranças pastorais ou artistas do seg-

mento gospel ultrapassem os limites dos ofícios em que iniciaram suas carreiras profissionais ou adquiriram maior notoriedade junto ao público e invistam em carreiras políticas. Essa mesma dinâmica parece estar ocorrendo com relação ao novo papel que influenciadores digitais estão ocupando no contexto da presença pervasiva das redes sociais no mundo contemporâneo, o que torna mais complexo o exercício de classificação aqui proposto.

Lideranças políticas

Nikolas Ferreira, Magno Malta, Damares Alves, Otoni de Paula, Marcos Feliciano e Ana Campagnolo são alguns dos perfis de lideranças do campo mais estritamente político que protagonizam a atuação evangélica nas redes sociais, sobretudo no Instagram. Além de muitos

deles serem disseminadores de narrativas e vetores de fake news, acumulam métricas de engajamento que amplificam suas opiniões e discursos. São perfis que direcionam suas publicações majoritariamente para a produção de conteúdo político, posicionam-se diariamente e prestam contas pelas redes sociais das atuações e projetos dos seus respectivos mandatos.

Lideranças pastorais

Entre as lideranças pastorais que protagonizam o ecossistema evangélico nas redes temos perfis de pastores, missionários, teólogos e outros atores que se apresentam e falam a partir do lugar de autoridades religiosas como Silas Malafaia, Deive Leonardo e Valdirene Moreira. Para realçar a pluralidade de atuações, performances e conteúdos

sugerimos subcategorias que podem ser boas para pensar a estrutura e especialização deste grupo:

Pastores “Profissionais”: Pastor Silas Malafaia, Pastor Rodrigo Mocellin, Pastor Geovane Dias, Pastor Antônio Júnior, Pastor Cláudio Duarte, Pastor Lamartine Posella, Pastora Talita Pereira, Bispo Edir Macedo, Pastor Josué Valandro.

Missionários e Intercessoras: Pastora Valdirene Moreira, Pastora Ezenete, Valnice Milhomens, Saulo Ataíde.

Pregadores itinerantes: Pastor Deive Leonardo, Pastora Camila Barros, Pastor David Alves.

Mídia evangélica

Redes de notícias do segmento evangélico demonstraram um papel decisivo no debate político durante o período eleitoral. O monitoramento do

Facebook identificou em especial o protagonismo do Pleno News, que atua majoritariamente com compartilhamentos de matérias produzidas por outros canais. O alinhamento ideológico dos perfis da mídia evangélica com o bolsonarismo se intensificou durante a campanha e acompanhou as tensões antidemocráticas com os poderes e ameaças à democracia.

Exemplos: Pleno News, Gospel Mais, Gospelmente, Guaimé, Gospel Prime, Assembleia de Valor.

Influenciadores

Os influenciadores, em geral, personalidades evangélicas com milhares de seguidores que intercalam conteúdos diários como mensagens motivacionais, “publis”, compartilha-

mento de rotina diária, textos bíblicos e postagens em diversos formatos, também contribuíram para amplificar as narrativas da extrema direita evangélica na disputa eleitoral. Eles assumiram um papel fundamental na campanha à reeleição de Jair Bolsonaro, mesmo que alguns tenham tido um papel apenas no segundo turno, como veremos mais à frente neste relatório.

Exemplos: Bella Falconi, Carlos Heinar, Karina Bacchi, Rafael Bittencourt, Dionísio Souza, Tiago Brunet.

Artistas

Pessoas ligadas ao universo musical e do entretenimento gospel que usufruem em diversos níveis da grande influência no meio evangélico também aderiram à campanha



na da extrema direita nas redes. O protagonismo desse grupo foi exercido pelo atual presidente e líder global da Igreja Batista da Lagoinha, André Valadão, amplamente conhecido como cantor por sua atuação no Diante do Trono, e posteriormente por sua carreira solo. André, que também é pastor em Orlan-

do, destacou-se no volume de publicações, na intensidade e radicalização do discurso. Alguns outros cantores e cantoras acompanharam o apoio nas redes em menor intensidade e exposição.

Exemplos: André Valadão, Ana Paula Valadão, Aline Barros, Cassiane.

3.3 Cabeças de rede

“Cabeças de rede” são os principais perfis formadores de opinião e emissores legitimados que propõem e/ou adaptam as narrativas produzidas pelo centro do ecossistema da extrema direita e que ganham adesão e amplificação no interior de seu campo, a ponto de criar uma agenda comum, que pode sofrer adaptações pelos perfis de seus respectivos círculos de influência. A correlação das métricas de interação e engajamento são fundamentais para a identificação desses atores e a mensuração de seu impacto e alcance.

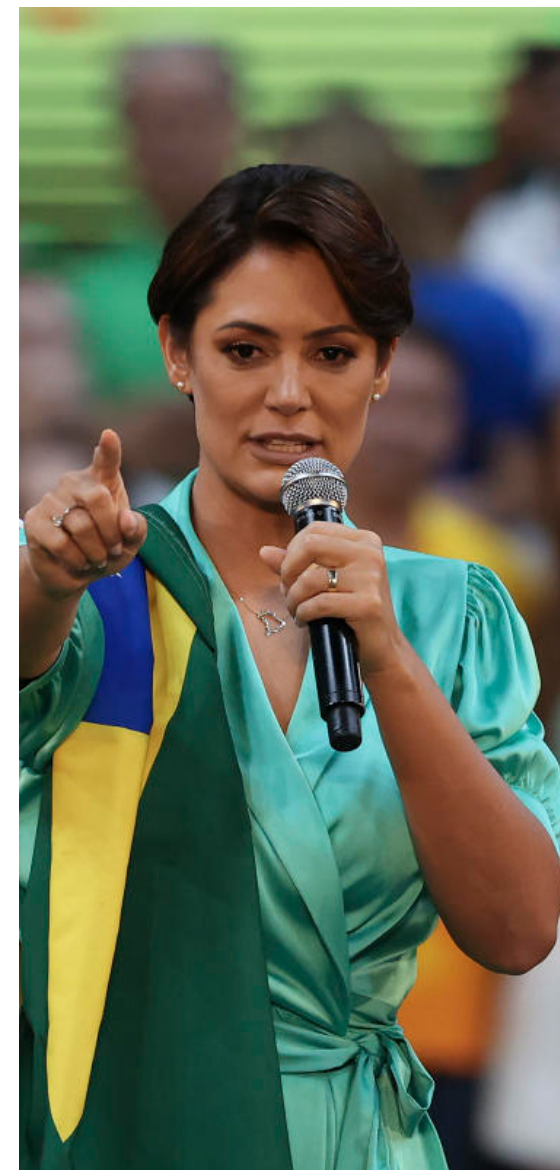
Na experiência do monitoramento destes perfis nas redes sociais, sobretudo no período de acompanhamen-

to diário, ficou evidente que somente os números não explicam os perfis que “lideram” a produção ou a ressonância das narrativas do seu ecossistema. Outros aspectos como a capacidade de construção de argumentos claros e encadeados, articulação e alinhamento com o centro disseminador de narrativas do bolsonarismo e o reconhecimento de que desfrutam no campo evangélico entre seus pares e seguidores são fundamentais para serem formadores de opinião. Entre os principais “cabeças de rede” do ecossistema evangélico encontram-se Silas Malafaia, Nikolas Ferreira, André Valadão, Damares Alves, Cláudio Duarte, Rodrigo Mocellin, Rafael Bittencourt, Edir Macedo, Magno Malta, Pr. Lucinho, Michelle Bolsonaro.

3.4 Michelle Bolsonaro: Carisma, liberdade e protagonismo político

Pela força política que a Primeira-Dama Michelle Bolsonaro adquiriu na campanha, vale destacá-la entre os demais perfis evangélicos, por sua militância ao lado de Jair Bolsonaro na mobilização de um segmento a que se deu muita importância nessas eleições, as mulheres evangélicas.

Diferente da campanha de Jair Bolsonaro em 2018, quando foi apresentado como um candidato “solo”, apoiado e anunciado para grande parte do eleitorado evangélico como uma espécie de escolhido de Deus, um “messias”; foi preciso retirar a Primeira-Dama do anonimato na disputa atual, e trazê-la para



o protagonismo na candidatura à reeleição. A baixa adesão do eleitorado feminino e a estagnação percentual do apoio evangélico, trouxe Michelle Bolsonaro para a linha de frente da campanha, na tentativa de “humanizar” e amenizar o desgaste da imagem do presidente.

Pouco menos de um mês após seu primeiro discurso, no evento de oficialização da candidatura de Bolsonaro, que teve alta repercussão, já foi possível ver os resultados e a eficácia da sua participação como o rosto da evangélica conservadora no Brasil: no jargão evangélico, a esposa crente que santifica o marido não crente, a mulher sábia que edifica sua casa, que é temente a Deus e equilibra o temperamento difícil e explosivo do marido. A Primeira-Dama coloca os “joelhos no chão” e declara que a “Nação é do Senhor Jesus”, que em nome

dele e de um projeto de libertação do país, vencerão essa “batalha espiritual”.

Michelle deixa claro em falas e postagens nas redes sociais que não tem nenhum interesse em conversar e ser entendida por adversários ou não crentes. Insistindo na comunicação com a base evangélica, ela, de maneira inteligente, conversa com quem “a entende”, e sabemos que o discurso evangélico autêntico aproxima não só os crentes, mas também atrai cristãos católicos e não cristãos simpatizantes de ideais conservadores.

E para além das mulheres, Michelle se comunica efetivamente com muitos pastores e influenciadores evangélicos que se reaproximaram de Bolsonaro por conta do seu protagonismo. Seus discursos foram lidos como corajosos e ousados num contexto de suposta ameaça e perseguição à fé cristã, rea-

cendendo nas redes sociais a militância de um grupo que andava indeciso sobre os benefícios de associar sua imagem a do presidente.

Como explicar tamanha eficácia de Michelle Bolsonaro? Evangélica conservadora, assumindo uma postura protagonista, com voz própria, que relativiza o discurso de mulher submissa, corte de cabelo curto e terninhos de alfaiataria, a Primeira-dama não é o retrato de uma mulher pentecostal “tradicional”. Ela é o rosto de uma nova geração de pastoras e lideranças femininas evangélicas que pregam, cantam, ministram e lideram igrejas Brasil afora. Michelle representa as mulheres que mantêm as igrejas funcionando - do trabalho braçal ou administrativo aos espaços de formação e ensino das igrejas históricas ou pentecostais.

Apesar de pregarem contra todos os feminismos possíveis,

elas protagonizam nos espaços religiosos das suas igrejas e lideram os crentes, seja nas pequenas igrejas de garagem nas periferias seja nas megagregas de parede preta. Michelle não fala de um lugar de mulher submissa, silenciada, mas se expressa com carisma e liberdade.

3.5 Lideranças “anônimas”

Nem só de macro influenciadores é feito o ecossistema evangélico nas redes sociais. Perfis e canais não tão conhecidos do grande público ou da mídia podem ter alta aderência de seguidores evangélicos. Essas lideranças ganharam espaço por serem capazes de manejar eficazmente a linguagem das plataformas em que atuam e os temas e assuntos que mobilizam, engajam e despertam o interesse de sua audiência, “envelopando-os”

no jeito peculiar de comunicação do evangelicalismo.

Essas lideranças entregam a sua audiência alguma versão familiar de pregação ou ensino bíblico e oração, conexões com as agendas morais do neoconservadorismo e elementos interpretativos da conjuntura que podem ou não estar envolvidos em algum tipo de teoria conspiratória de teor apocalíptico.

O que distingue muitas vezes essas lideranças é que elas não são parte (ainda) dos circuitos de alta exposição que tornam conhecidos ou famosos pastores, pregadores e influenciadores no segmento evangélico. Muitas delas talvez não pretendam ou não conseguirão entrar nesses circuitos exatamente pelo tipo de conteúdo formatado especificamente para a plataforma em que adquiriu destaque.

No próximo tópico procuramos

analisar como esses perfis e canais se inserem num ecossistema que é característico na extrema direita e encontra ressonância entre os evangélicos, intencionalmente ou não.

3.6 Ecossistema de amplificação das narrativas

Por ser uma rede social direcionada para a publicação de vídeos, principalmente de média e longa duração, o YouTube torna-se um espaço mais propício para compartilhar narrativas mais densas, exposição de argumentos, reflexões e discussões que demandam maior tempo do que o Instagram, por exemplo, que é uma rede social que engaja mais conteúdos com imagens, textos e vídeos curtos.



Essa explicação preliminar é necessária para justificar nossa opção de propor como exemplo um mapa de amplificação das narrativas no ecossistema da extrema direita evangélica a partir do YouTube.

Também é importante mencionar que durante o período de monitoramento diário foi possível visualizar com mais clareza os caminhos de amplificação dessas narrativas,

que se repetiam com certa regularidade e padronização. Durante um recorte de tempo de aproximadamente dois meses, com o acompanhamento mais detido dos vídeos publicados no YouTube, foi possível visualizar as narrativas que foram ganhando corpo e visibilidade durante a campanha eleitoral e como elas circulavam e ganhavam expansão.

Ecossistema de amplificação das narrativas no YouTube

Comentadores e canais de discussão

Povo da Fé
Servos
Carlos Heinar
Pr. David Alves

pregações
profecias
revelações
orações

Pra. Valdirene
Moreira
Pr. Antônio
Júnior

Gabinete evangélico do ódio

Pr. Silas Malafaia
Magno Malta
Damares Alves

Replicadores de conteúdo

Jesus Cristo Força Alfa
Adoradores da Net
Supremo Adorador Oficial
No Alvo
Testemunhos Fortes Oficial

Disparadores de narrativas e portais de notícias

Pleno News
Rafael Bitencourt
Dionísio Souza
Pr. Rodrigo Mocellin



Este diagrama demonstra como a partir do núcleo deste ecossistema, que podemos chamar de “gabinete evangélico do ódio”, lideranças religiosas e políticas como o Pastor Silas Malafaia, Magno Malta, Otoni de Paula e Damascos Alves, que estavam ligadas diretamente à gestão de comunicação do Governo Bolsonaro, e que também acumulam uma longa e experiente atuação no espaço de decisão política, reproduziam e/ou adaptavam a maioria das narrativas que pautaram as controvérsias eleitorais. Ainda que, por seu grau de envolvimento na discussão pública e pelas candidaturas em disputa, não fossem fabricadas diretamente por eles, a maioria das narrativas que pautaram as discussões eleitorais tiveram seguramente, pelo grau de virulência com que foram pensadas, a sua influência. Apesar do “gabinete evangélico

do ódio” ser composto por parte importante dos “cabeças de rede” deste ecossistema, o grupo a seguir pode ser apontado como o principal responsável por disparar narrativas da extrema direita evangélica, sobretudo no decorrer da campanha eleitoral. Rafael Bittencourt, Pastor Rodrigo Mocellin, Dionísio Souza e portais de notícia como Pleno News, são perfis menos conhecidos do público não evangélico em geral, mas são importantes “disparadores de narrativas” que são amplificadas e replicadas por muitos canais de menor relevância e alcance no ecossistema. A capacidade de encadear argumentos, articular teorias conspiratórias a partir de textos bíblicos, e o grau de convencimento dos conteúdos que são produzidos por eles se destacam diante da maioria, e por isso são parte fundamental da construção do





mapa de amplificação destas narrativas.

Os canais de comentários e discussão das narrativas são vetores fundamentais para a amplificação destes conteúdos. Em sua maioria são transmissões de lives que comentam em tempo real as narrativas e argumentos apresentados pelos “canais disparadores” citados. A linguagem mais acessível e alarmista, com o foco na comunicação com o público em geral, tem reflexo direto nas métricas de alto engajamento desses canais: Povo da Fé, do Pastor Geovani Dias, Pastor David Alves, Carlos Heinar e Servos são bons exemplos.

Na última camada de manutenção do ecossistema temos os canais replicadores de conteúdos que estão sendo produzidos por diferentes nichos da extrema direita. São vídeos mais curtos que basicamente replicam tre-

chos desses outros canais e fazem chamadas alarmistas para atrair a atenção para o vídeo. Comumente não emitem opiniões articuladas, apenas reproduzem o conteúdo e jogam questões para o público. Os canais Jesus Cristo Força Alfa, Adoradores da Net, Supremo Adorador Oficial, No Alvo e Testemunhos Fortes Oficial se destacam no YouTube também pelo seu alto engajamento nesse nicho.

Um outro grupo fundamental a compor esse ecossistema de amplificação são produtores de conteúdos à parte deste mapa, e garantem sua audiência de forma “autônoma”: os canais de pregações, profecias e orações diárias, que lideram o topo de engajamento da extrema direita evangélica no YouTube. Com destaque para o jovem pastor presbiteriano Antônio Júnior, que publica pelo menos 3 vídeos de orações

por dia: “Oração da Manhã”, “Oração da Tarde” e “Oração da Noite”, e por vezes também “Orações da Madrugada”. Antônio Júnior produz muitos vídeos sobre profecias apocalípticas e escatologia, intercaladas com mensagens motivacionais. Outro destaque é a Pastora Valdirene Moreira, que transmite lives diárias de mais de uma hora, com pregações a partir da leitura e interpretação de textos bíblicos. Ela finaliza sua transmissão com orações fervorosas, repreendendo doenças e maldições, muitas vezes “recebendo revelações” durante as orações e sempre relacionando suas mensagens com seus posicionamentos políticos. Após a visualização do que estamos chamando de ecossistema de amplificação das narrativas, é fundamental entendermos qual a cosmovisão da extrema direita evangélica que é veiculada massivamente nas redes sociais.

4.

A “COSMOVISÃO” DA EXTREMA DIREITA EVANGÉLICA

Foi neste pleito eleitoral de 2022 que assistimos a um processo de consolidação e popularização do ativismo desse grupo político no Brasil como “extrema direita evangélica”, sobretudo nos meios de comunicação e nas reflexões dos analistas políticos. A maturação das narrativas, agendas comuns e pautas de reivindicação política foram se destacando na atuação dos atores envolvidos durante o pleito e sua categorização foi se movendo de lugar.

É importante destacar, entretanto, que o grupo não se lê a partir do rótulo de “extrema direita”, mas reivindicam sua

posição como “direita conservadora cristã”, agora também levantando a bandeira do “orgulho conservador”.

Para além dos atores já conhecidos e amplamente divulgados que lideram esse grupo, como Silas Malafaia, Otoni de Paula, Magno Malta, Damares Alves, novos rostos como o de Nikolas Ferreira e Ana Campagnolo se destacaram, renovaram e complexificaram os signos que traduzem e representam a atual extrema direita evangélica no Brasil.

Da mesma forma, para além das pautas de aborto, drogas, pedofilia e ideologia de gênero, que se tornaram parte da plata-



forma eleitoral e construção de políticas públicas no governo Bolsonaro, também entraram no jogo temas como a defesa do armamentto e do homeschooling, que atualizaram e deslocaram velhas compreensões das bandeiras que motivam e organizam esse grupo.

O monitoramento das redes sociais dos perfis da extrema direita evangélica nesse pleito, sobretudo a partir do momento que se oficializou o processo eleitoral, revelou os caminhos de construção de narrativas que pautaram a disputa política majoritária em muitos momentos e os seus caminhos de amplificação nas redes.

Para compreendermos tal processo é importante levarmos em conta o conteúdo das narrativas, o discurso propriamente dito, mas também o apelo da performance na transmissão

dessas narrativas, peças fundamentais que podem nos auxiliar a visualizar com mais clareza o “sucesso” na instauração das lógicas que informaram o conteúdo disseminado.

4.1 Pânico Moral e Alarmismo: **Da “Guerra Cultural”** **Evangélica**

Contradizendo as previsões dos especialistas, as chamadas pautas morais não perderam força de mobilização entre evangélicos na corrida eleitoral, chegando a protagonizar as campanhas presidenciais do segundo turno. Temas como combate ao comunismo, legalização do aborto e das drogas, ideologia de gênero e perseguição às igrejas, exerceram poder, especialmente nas redes

sociais, criando pânico moral e convencimento dos indecisos. Apesar do envolvimento e comprometimento radical já conhecido de lideranças evangélicas com essas pautas, foi na corrida final à presidência que ela se revelou decisiva sobre outros marcadores de diferença desse campo reconhecidamente pobre, negro e feminino.

Os elementos articulados das pautas morais no discurso político dos perfis monitorados constroem os enquadramentos da “guerra cultural” neoconservadora evangélica. A teologia política neoconservadora está composta por velhos e novos significantes e são selecionados e acionados conforme (re)aparecem nas notícias. Durante o monitoramento, a “guerra cultural” evangélica foi travada a partir dos elementos descritos a seguir:

Anticomunismo e perseguição religiosa

O discurso de uma suposta ameaça comunista no Brasil caso o Partido dos Trabalhadores e a esquerda brasileira voltem ao poder tem sido mobilizado nos últimos anos oportunisticamente como fio condutor de diversas outras possíveis ameaças sob o epíteto de “marxismo cultural”.

Resgatado dos anos da Guerra Fria pela pregação olavista para aterrissar em um dos principais elementos do discurso da extrema direita, o anticomunismo nunca perdeu seu apelo no imaginário evangélico devido ao trabalho missionário em países vinculados à órbita soviética, ou por meio de rankings globais, criados por organiza-

ções missionárias como a ONG Portas Abertas, a respeito do grau de liberdade religiosa no mundo e da permanente campanha em prol da chamada “igreja perseguida”.

Segundo a narrativa do evangelicalismo global, acentuado pela perspectiva de evangélicos da extrema direita no Brasil, os governos comunistas são reconhecidamente ditatoriais, ateístas e perseguidores de suas comunidades. É no âmbito do ateísmo que, ao negar Deus e os valores cristãos ocidentais, são suscitadas as imoralidades sexuais e as práticas abortistas, a restrição de liberdades e a miséria social. O “comunismo” é visto como um falso projeto de governo que prega a defesa dos pobres para privilegiar um pequeno grupo de aliados políticos e manter a população miserável

e refém do controle do Estado. A extrema direita descreve o Estado ateu como um ente sem princípios, que não diferencia certo e errado por não acreditar em Deus.

Nesse sentido, associados a governos totalitários de esquerda, Venezuela, Argentina, Cuba e Nicarágua, vizinhos próximos exemplares de derrocada econômica e decadência moral, destacam-se como uma das principais ameaças ao cristianismo no País, e portanto como uma das principais razões para a oposição inegociável à esquerda.

Legalização do aborto

Entre evangélicos e católicos, o tema do aborto se tornou ponto de tensão frequente e seguiu em destaque como uma das pautas consideradas mais

críticas no eventual retorno da esquerda ao poder. Combatido ferrenhamente por se entender como parte de uma agenda feminista, imoral e com objetivo de destruir as famílias, o aborto representa no discurso evangélico o ódio do Mal direcionado contra as crianças e como parte de um grande plano do diabo para destruir seus futuros. A prática do aborto é entendida como uma versão contemporânea de sacrifício ao deus Moloque, que remete às narrativas bíblicas do Antigo Testamento.

Vale lembrar que tal narrativa tem origem no controle dos corpos femininos que está no centro das teologias cristãs tradicionais e fundamentalistas. Tema que já encontrou maior diversidade de opiniões entre fiéis evangélicos, a luta pela descriminalização do aborto soa altamente ofensiva atualmente, consolidando-se inclusive uma posição na extrema direita evan-

gética de que qualquer forma de aborto deveria ser criminalizado, retrocedendo-se na legislação vigente no país.

No discurso das candidaturas da extrema direita nas eleições, a oposição ao aborto se tornou um tópico prioritário nas narrativas de pânico moral. Votar contra a esquerda seria o mesmo que se declarar ao lado do bem na luta contra o mal, em defesa de seus filhos e do futuro de suas famílias. Por colocar as igrejas e os cristãos do lado oposto ao da legalização do aborto, que seria supostamente um dos objetivos precípuos do programa do Partido dos Trabalhadores, aos cristãos lhes caberia unicamente o papel de rechaçar candidatos e candidaturas à esquerda.

“Cristão não vota na esquerda” e “não existem mulheres evangélicas feministas” se tornaram novos mantras na direita e extrema direita evangélica e grande parte da razão se en-

contra no veto à discussão sobre direitos reprodutivos e justiça reprodutiva das mulheres.

Ideologia de gênero

Considerada pelos neoconservadores como a grande ameaça à “família tradicional brasileira”, o combate à chamada “ideologia de gênero” é a ponta de lança da mobilização do neoconservadorismo católico e evangélico em seu projeto de poder, sendo parte constitutiva de sua emergência nos anos 2010. Desde a oposição à educação sexual nas escolas às regras de convivências sociais, como a discussão recente do banheiro público unissex, a criança mais uma vez protagoniza a narrativa como o alvo a ser preservado dos ataques. Campanhas como a “Escola sem Partido”, a reafirmação dos papéis sociais de gênero

por meio do discurso ensejado pela famosa frase de Damares Alves (“meninos vestem azul e meninas vestem rosa”), o fortalecimento da feminilidade e masculinidade bíblicas, boicotes às empresas e campanhas de publicidade que naturalizam as sexualidades diversas, a promoção do homoschooling ou as ofensivas às agendas LGBTQIA+ configuram-se como parte da guerra espiritual imposta à missão cristã em defesa das crianças, do ideal cis-heteronormativo de família e dos supostos “valores judaico-cristãos”.

As diversidades sexuais e de gênero são entendidas como antinaturais e antibíblicas por subverter as posições e funções tradicionais de homem e mulher que é o que estrutura e mantém a família

tradicional cristã. E são entendidas como escolhas que, em seu sentido moral, deturpam a própria natureza biológica, essencializada na narrativa da criação do ser humano no livro de Gênesis como macho e fêmea criados para se unirem e se reproduzirem por meio de um relacionamento heteronormativo e monogâmico.

Legalização das drogas

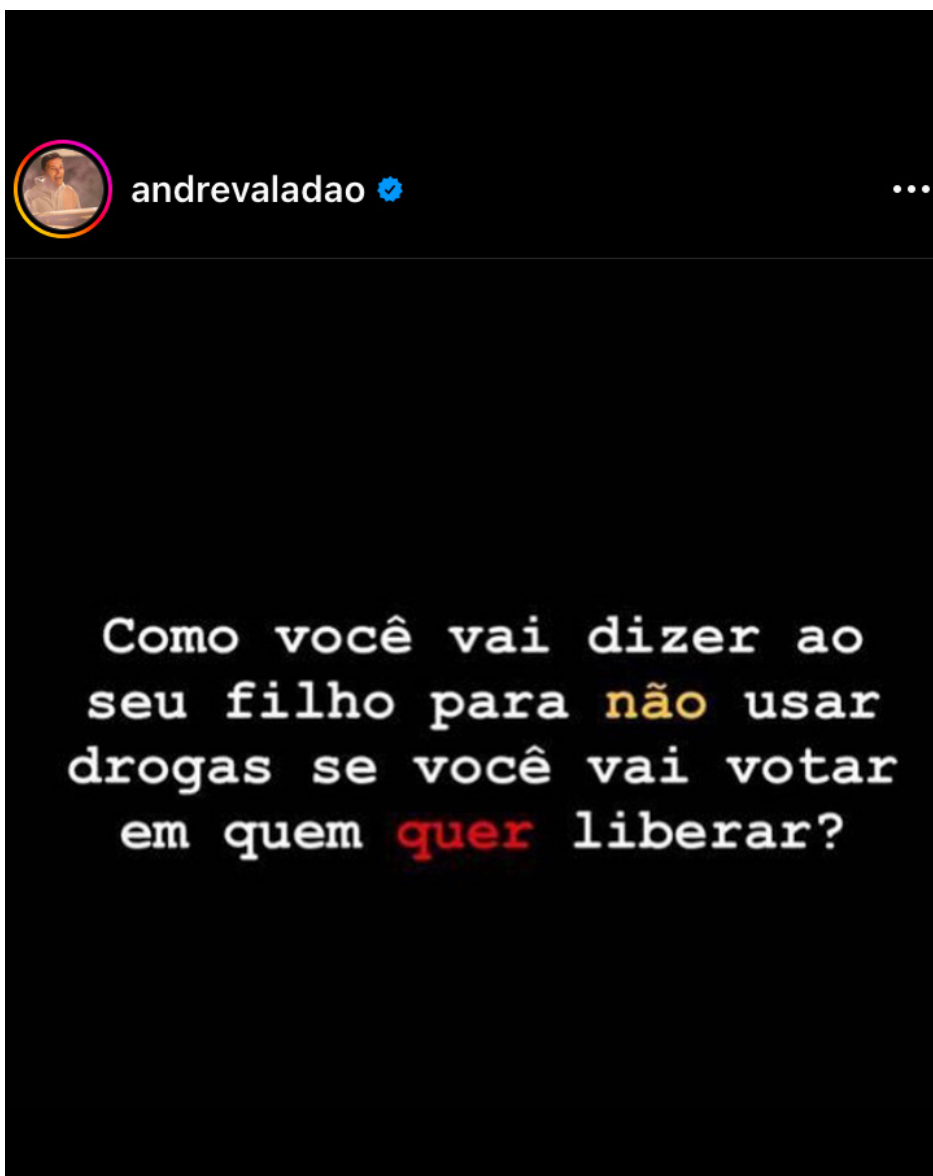
A insegurança cotidiana de quem vive nas grandes cidades brasileiras é um dos grandes desafios à legalização de substâncias psicoativas. Apesar das políticas atuais de combate às drogas refletirem o racismo estrutural e a desigualdade social, o apoio irrestrito à legalização, a



experimentação de violências de quem vive e sofre com a guerra às drogas diariamente e a ausência de debates públicos sobre o tema, aumentam o desespero das famílias em territórios periféricos e dominados por facções criminosas. O perfil social e racial dos evangélicos e o protagonismo de mulheres pretas e pobres em igrejas periféricas,

somados a defesa da prática moral cristã de abstenção de álcool e outras drogas, contextualiza o pesadelo diário de mulheres, muitas delas responsáveis pelo sustento e desenvolvimento familiar, de terem um filho dependente químico ou fazendo parte de organizações criminosas.

Acusar a esquerda de coordenar um projeto de legalização das drogas ou de trabalhar em parceria e ter apoio de traficantes, mobiliza assertivamente o núcleo familiar cristão conservador e contribui com o imaginário de que ser de esquerda e defensor de direitos humanos é defender bandido e suas práticas criminosas, aumentando a insegurança social e familiar, a ser combatida com uso da força policial e/ou pelo chefe



família, se necessário. Sendo assim, sob o risco de naturalização e legalização do que os assombra diariamente, um Messias, militar, corajoso e protetor, criado pela narrativa evangélica fundamentalista, é a versão que melhor acolhe seus medos, responde seus desejos e autoriza suas práticas e justificativas armamentistas.

4.2 Máquinas de desinformação

A segmentação do mercado gospel, juntamente com o interesse em criar um espaço de informação e divulgação de atividades variadas de igrejas, ministérios e produtos, deu

origem a jornais e revistas com espaços para opinião sobre assuntos diversos, incluindo principalmente temas políticos. A capacidade da Internet de amplificar a audiência para além da cena local despertou o interesse de operadores políticos e empresários que se dedicaram a criar um conjunto de portais de notícias e de conteúdo que retraduzisse para o público evangélico, em seus próprios termos e linguagem, uma perspectiva endógena, a saber conservadora. No entanto, a mídia evangélica e lideranças evangélicas têm sido apontadas como um dos principais instrumentos de disseminação de desinformação e fake news. E além disso, orientam-se para acusar a imprensa

tradicional de “imprensa esquerdista”, desqualificando-a como fonte insegura de informação ou como fonte seletiva de notícias. Nesse esforço, não só a imprensa tradicional é atacada, como também as universidades e professores, que produzem conhecimento legitimado e reconhecido para balizar o debate público, são acusados de terem suas “pesquisas compradas”, serem espaços comunistas ou hegemônicos pela esquerda e/ou centros de formação de militantes.

Por fim, a mídia evangélica se tornou um dos principais ativos da extrema direita na produção de *reframe* de suas narrativas, no ataque às instituições democráticas como

no caso do Supremo Tribunal Federal, como “ditadura da toga”, ou aliados da esquerda, nas pessoas dos Ministros Luis Roberto Barroso, Edson Fachin e Alexandre de Moraes, também bastante atacado por um suposto “ativismo judicial” pelo papel desempenhado no Tribunal Superior Eleitoral.

Há, portanto, pode-se dizer, um acordo tácito entre as lideranças e canais da mídia evangélica de seguir antes de tudo os enquadramentos retóricos e semânticos fabricados pela extrema direita e seus sentidos revestidos de uma linguagem religiosa, dotada de autoridade bíblica, remodelada teologicamente para mobilizar afetos das suas audiências evangélicas.



62.956 curtidas

prlucinho Todo mundo sabe quem controla o STF e o TSE. Exonerar um funcionário não adianta nada! Se não conseguem ser honestos nas propagandas eleitorais do Bolsonaro que dirá nas urnas! Só Jesus!

4.3 Pautas **de reivindicação** **política:** **orgulho conservador**

“Deus, Pátria, Família e Liberdade”. Foram com essas palavras que o presidente Bolsonaro iniciou sua fala final no primeiro debate de presidenciais das eleições de 2022. Em discurso direcionado aos eleitores, também se declarou em defesa da família, contrário ao aborto e à legalização das drogas. O presidente reforçou sua agenda de campanha a partir das pautas de costumes a fim de mobilizar o seu eleitorado mais fiel e seduzir indecisos que se autointitulam conservadores e temem o avanço de “ideologias progressistas”. São as pautas de reivindicação política vinculadas a essa



agenda neoconservadora que têm definido majoritariamente os conteúdos das redes sociais da extrema direita evangélica no período eleitoral, de pastores, missionárias, artistas e blogueiros evangélicos pró-Bolsonaro que se engajaram diretamente na campanha de reeleição e mobilizaram suas redes em prol desse objetivo. O grupo se lê como responsável por um levante conservador no Brasil e levantam a bandeira do “orgulho conservador”. Vale destacar a capacidade de produção de conteúdo em massa, com concentração de

altos índices de engajamento nas três redes sociais monitoradas: Instagram, Facebook e YouTube, mantendo-se no topo do ranking com certo conforto. Ao considerar os principais temas que aparecem no discurso evangélico conservador, é perceptível como eles se articulam no plano das políticas defendidas para cada tema. De um lado, a retórica do pânico moral que desenha as ameaças uma vez que se elejam candidaturas que não sejam conservadoras; de outro lado, os repertórios de ação propostos por políticos ou novas candidaturas no âmbito do conservadorismo.

"Retórica do pânico moral"

Repertórios de ação

Legalização do aborto

Criminalização do aborto, requerimento público para a realização de uma CPI do Aborto
([Ana Campagnolo](#))



Legalização das drogas

Política severa antidrogas e endurecimento do encarceramento
([Magno Malta](#))



Recolhimento das armas/desarmamento da população

Política armamentista
([André Valadão](#))



Ideologia de gênero nas escolas

Defesa do homeschooling
([Rodrigo Mocellin](#))



"Retórica do pânico moral"

Repertórios de ação

Fechamento das igrejas/censura do judiciário

Liberdade de opinião e crença
([Silas Malafaia](#))



Proteção da pedofilia

Leis de endurecimento contra pedófilos
([Magno Malta](#))



Ameaça comunista

Defesa do capitalismo e propriedade privada
([Ana Campagnolo](#))



4.4. Frente **ampla em torno** **do "escolhido** **de Deus"**

Jair Messias Bolsonaro participou de inúmeros eventos evangélicos ao longo de seu mandato como presidente, mas especialmente em 2022. A medida que o processo eleitoral se desencadeava, passou a visitar as igrejas de lideranças próximas em congressos e assembleias de pastores, assim como em momentos de aglomeração públicas como as Marchas pra Jesus, mostrando-se alguém cada vez mais íntimo da linguagem e rituais próprios de cada segmento. Sempre acompanhado da Primeira-Dama Michelle Bolsonaro, ela mesma uma convertida ao pentecostalismo, ambos fo-

ram capazes de articular uma performance religiosa que extraía dos fiéis expressões de euforia religiosa.

Como já pontuado por diversos especialistas, no discurso bolsonarista articula-se uma narrativa binária, opondo-se como inimigos os “cidadãos de bem” e os “bandidos, corruptos e ladrões”. As “minorias” deveriam se adequar às “maiorias”, disse Bolsonaro diante de lideranças evangélicas numa das convenções da Assembleia de Deus de Madureira. Nessa linha, são os que partilham dos “valores cristãos” os que detêm a prerrogativa de serem protegidos, como se estivessemos em um “estado cristão”. Esses cristãos, por seu turno, devem ser, ao mesmo tempo, “conservadores” e “patriotas”, por isso não existem “cristãos esquerdistas” ou “feministas evangélicas”.



**Um Presidente de Joelhos, põe
uma Nação em Pé!**

Essa narrativa binária se tornou funcional para as elites pastorais e políticas evangélicas como dispositivo teológico-político, que passaram a reiterar em seus conteúdos nas redes, pregações, mensagens, conferências, artigos etc. que Bolsonaro seria o candidato escolhido por Deus para lutar pelos “valores cristãos”, pela “família cristã”, pela “liberdade cristã” e continuar a libertação do Brasil de uma agenda esquerdista contrária aos que defendem as igrejas cristãs.

Em encontro no Palácio do Alvorada, no dia 08 de março de 2022, em que cerca de 280 pastores e políticos evangélicos estiveram presentes, assim se expressou Jair Bolsonaro: “Seria muito fácil estar do outro lado. Mas,

como eu acredito em Deus, se fosse para estar do outro lado, nós não seríamos escolhidos. Eu falo “nós” porque a responsabilidade é de todos nós. Eu dirijo a nação para o lado que os senhores assim o desejarem.”

Várias lideranças evangélicas vieram a público em suas redes sociais no primeiro e no segundo turno para defender o voto em Jair Bolsonaro, apesar de seus erros no governo e sua maneira inapropriada de se expressar. Só Bolsonaro, de acordo com essas lideranças, estaria em total acordo com o que as igrejas evangélicas defendem. As seguidas campanhas de oração e jejum por Bolsonaro e sua candidatura, assim como a divulgação de “profecias e revelações”, in-



clusive de líderes de outros países, seria a confirmação divina de que os evangélicos que estavam do lado de Bolsonaro estavam do lado do bem, do lado de Deus, e que por isso sua vitória seria

certa. Como disse o bispo J.B. Carvalho, presidente da Igreja Comunidade das Nações: “Espero que antes que seja tarde nós saibamos que Jair Bolsonaro é a resposta à oração da igreja.”

4.5. Golpismo em nome de Jesus

A adesão ao bolsonarismo por parte das elites evangélicas, tanto de igrejas pentecostais quanto históricas, e sua consequente participação no governo, ocasionou o franqueamento de um apoio incondicional a Bolsonaro. Esse apoio incondicional teve como corolário, por sua vez, as demonstrações de uma atenção e relacionamento privilegiados de Bolsonaro para com o segmento evangélico, através de participação em atos e eventos evangélicos, nomeações de lideranças evangélicas

para posições estratégicas, e articulação de suas pautas e interesses corporativos nas políticas públicas.

Assim, não foi surpreendente que políticos, lideranças e perfis evangélicos se unissem também ao discurso antidemocrático que incluiu ataques ao Supremo Tribunal Federal (em suas decisões, notas e discursos em inquéritos e episódios de defesa da democracia), o questionamento das urnas eletrônicas e desconfiança da lisura e isenção do Tribunal Superior Eleitoral, e as insinuações e suspeitas de fraudes na sequência da divulgação dos resultados eleitorais pelo TSE.



5. ANÁLISES SOBRE O CAMPO DEMOCRÁTICO

5.1 Reconhecimento dos evangélicos do campo democrático

Na esteira do crescimento da extrema direita evangélica e de sua atuação em pleitos eleitorais na última década, sem desconsiderar a diversidade de atuações e protagonismos nas disputas, outras identidades evangélicas têm

se organizado e disputam espaços e narrativas. As análises iniciais de que os evangélicos são plurais, inclusive na constituição de uma identidade social e política, se confirmaram gradativamente nos períodos de pré-campanha até sua intensificação no segundo turno do pleito.

Os evangélicos do campo democrático se (re)organizaram nas bordas do ecossistema evangélico de extrema di-

reita, como um movimento estruturalmente diverso, que se identificam nas convergências de uma agenda pautada por defesa da democracia, promoção da justiça e das igualdades sociais, de classe, raça e gêneros, a partir de novas hermenêuticas e narrativas bíblicas nem sempre homogêneas.

Contudo, a identidade caracteristicamente fragmentada desse movimento, ora revela sua potência, ora pulveriza sua atuação. Entre as pautas potencializadas pelas convergências se destacam a defesa da democracia, do estado laico, das liberdades e a promoção da justiça e igualdade social. De outra parte, as pulverizações ocorrem, especialmente, nas pautas referentes

a agenda moral: de gênero, de sexualidade e dos direitos reprodutivos.

5.2 Presença nas redes e principais atores

Aspectos metodológicos foram importantes para visualizarmos a presença do campo democrático nas redes sociais e na disputa de narrativas com a extrema direita evangélica durante o pleito eleitoral.

No decorrer do ano, na produção dos relatórios semanais, o campo democrático estava invisibilizado pelas métricas de engajamento, ou seja, visualizações e interações de sua produção de conteúdo



eram insuficientes para aparecer na lista dos 50 maiores engajamentos da semana entre os perfis evangélicos. Durante o período de campanha eleitoral, no qual passamos a monitorar diariamente os 50 maiores de cada rede, começamos a visualizar, mesmo que timidamente, as publicações do segmento democrático com certa frequência. Também vale men-

cionar que essa visualização só aconteceu no Instagram, onde identificamos maior presença e diversidade de perfis de todos os segmentos, consequentemente, as variáveis de produção e engajamento de conteúdos também são mais disputadas. A presença dos evangélicos do campo democrático no Facebook e YouTube é ínfima. Os principais atores que pro-

tagonizaram as narrativas progressistas, aparecendo no monitoramento diário do Instagram, foram pastores já conhecidos do campo democrático como Antônio Carlos Costa, Caio Fábio, Ed René Kivitz e Ricardo Gondim e lideranças políticas como o pastor Henrique Vieira e a vereadora Aava Santiago. Os perfis do movimento Cristãos contra o Facismo e do cantor Leonardo Gonçalves intensificaram suas interações no debate político durante o pleito eleitoral, especialmente contra a aliança do movimento evangélico com o bolsonarismo. É importante destacar a hegemonia masculina e branca dos perfis democráticos, que revela a ausência da diversidade no engajamento e protagonismo de atores evangélicos progressistas nas redes.

5.3 Narrativas em disputa

As narrativas pulverizadas e assíncronas do campo democrático interferem diretamente na dificuldade do segmento de impor uma agenda comum e, consequentemente, de construir narrativas que mobilizem o campo e determinem pautas nas disputas eleitorais. Esta assincronicidade de narrativas influencia diretamente no enfraquecimento dos conteúdos produzidos organicamente e na dificuldade de articulação para pautar os debates nas redes. Por outro lado, a produção e articulação do campo democrático se apresenta mais alinhada quando reativa, pautado pela agenda da extrema direita, que se destaca

e diferencia pela estratégia de presença diversa e massiva com eficácia no transbordamento da cosmovisão cristã bolsonarista.

5.4 Rotina na produção de conteúdo e as métricas de engajamento

Apesar do consenso sobre a importância de disputar narrativas nas redes sociais, sobretudo para garantir interferência nas grandes decisões políticas do país, o campo democrático demonstrou incapacidade de fazê-lo. O abandono quase completo da disputa em redes sociais como Facebook e YouTube nos últimos anos, e especialmente durante o período

eleitoral, contribuiu para o destaque desproporcional e a livre atuação das lideranças de extrema direita entre os usuários dessas redes. No Instagram, rede social com métricas de engajamento constantemente atualizadas, apesar do avanço no período de campanha observado pelo monitoramento diário, o campo democrático não consolidou perfis que se destacaram na rotina programada de produção de conteúdo viral ou com engajamento proporcional ao produzido pela extrema direita evangélica. É importante considerar que o campo democrático constrói e amplia vagarosamente sua atuação nas redes sociais em grande parte de modo independente e orgânico, sem suporte ou financiamento suficiente e com monetiza-

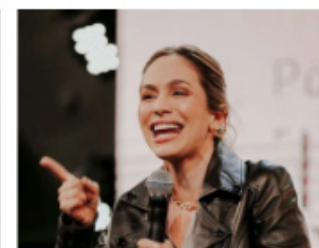
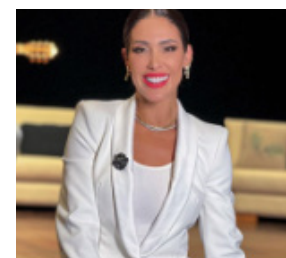
ção consideravelmente inferior aos recursos alcançados pela extrema direita evangélica brasileira.

Um exemplo que confirma a regra, e que mostrou-se eficaz como uma campanha com alcance acima do padrão apresentado pelo campo evangélico progressista nas redes, durante o segundo turno das eleições, foi a estratégia de diversos influenciadores e coletivos jovens articulados no perfil Novas Narrativas Evangélicas. O movimento se uniu e mobilizou diversos perfis em torno da campanha #LivresPraVotar, tema utilizado como ferramenta de enfrentamento ao abuso religioso e a tentativa de hegemonia do conhecido “voto de cajado” que ameaçava o resultado eleitoral. A hashtag #LivresPraVotar esteve entre os trends do Twitter e obteve

grande alcance no Instagram, ganhando apoio e repercussão de perfis e atores fora do campo, destacando-se como estratégia efetiva para pautar o debate político e fortalecer outras narrativas.

5.6 Onde está o Centro no segmento evangélico?

A categorização dos perfis de Centro na parametrização ideológica da metodologia do monitoramento nos colocou desafios desde o início. A hipótese de partida de que a extrema direita evangélica aliada ao bolsonarismo apoiaria atos de ruptura democrática, colocava em dúvida muitos perfis identificados com posicionamentos ideo-teológicos conservadores, mas que se



apresentavam como moderados em seus posicionamentos políticos, mais próximos de uma centro-direita, na maioria das vezes evitando publicar opiniões políticas, e investindo em conteúdos motivacionais, pregações, orações, cursos e lançamentos de livros.

Perfis famosos e com alto engajamento nas redes como Deive Leonardo, Tiago Brunet, Talitha Pereira, Camila Barros, Antônio Júnior, Bella Falconi, entre outros, se enquadravam nesta categoria, e passamos a

maior parte do monitoramento acompanhando estas lideranças evangélicas, lendo-as como “Centro”.

Foi no tensionamento pós-resultados de primeiro turno que o cenário muda drasticamente e confirma uma outra hipótese de pesquisa: apesar da posição pública moderada da maioria destes perfis, e até um certo desconforto com o discurso radicalizado da ruptura democrática, eles acabariam pendendo para o apoio incondicional à campanha de Jair Bolsonaro.

É importante destacar que ter recebido o apoio destes perfis, que acumulam muitos milhões de seguidores e altos índices de engajamento, foi um fator de muito impacto na reta final do processo eleitoral. Dentre essas novas adesões estão a pastora Talitha Pereira (3M), o pastor Deive Leonardo (12,4M), o pastor Tiago Brunet (5,1M), a cantora gospel Ana Paula Valadão (3,2M), a influencer gospel Bella Falconi (4,1M) e a pas-

tora Camila Barros (3M), que juntos acumulam 30 milhões e 700 mil seguidores só no Instagram.

Os novos(?!) apoiadores justificaram sua declaração de voto pela reeleição de Bolsonaro por seus posicionamentos contrários ao aborto, em defesa das crianças e em combate à ameaçadora ideologia de gênero e por compartilharem de medos cristãos escatológicos, como a perseguição religiosa e o comunismo.

Conclusão

O monitoramento das principais redes sociais do ecossistema evangélico durante o período pré-eleitoral e eleitoral nos permitiu uma compreensão um pouco mais apurada de como as narrativas que embasaram, sobretudo, o engajamento evangélico neoconservador em 2022 estiveram sintonizadas na construção de uma percepção e influência convergente para a candidatura

de Jair Messias Bolsonaro. Ancorados de maneira própria no campo semântico evangélico (“cosmovisão cristã”) para a construção de dispositivos retóricos teológico-políticos, as redes sociais monitoradas ofereceram janelas privilegiadas para a visualização dos cenários eleitorais em disputa em que atores diversos criam campos de ressonância compartilhados, e se engajaram ativamente.

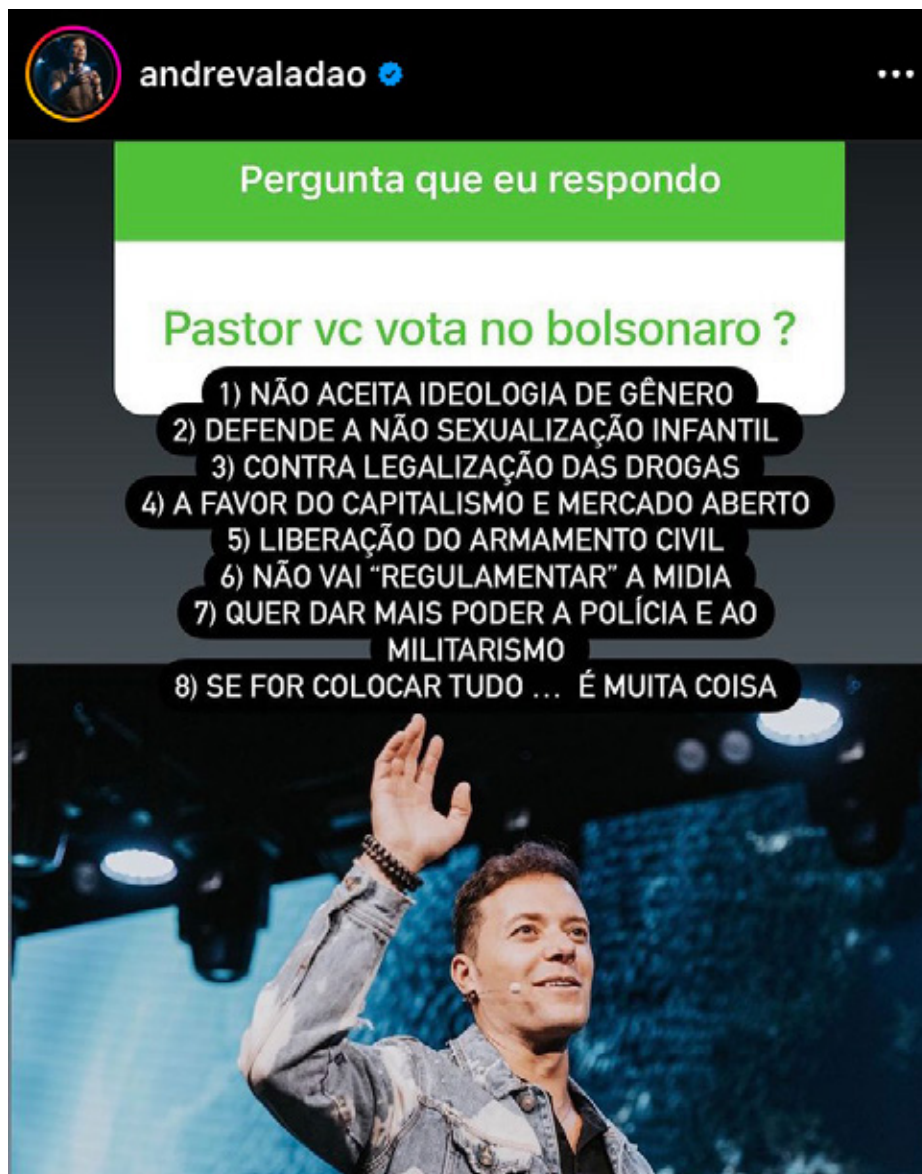
6.1 Cosmovisão cristã conservadora e à direita

Há grande debate sobre a força e o alcance do neoconservadorismo evangélico, assim como seu peso e lugar na sustentação e protagonismo no ecossistema da extrema direita brasileira. Muitos perfis evangélicos se mostraram alinhados em aspectos centrais da narrativa bolsonarista, assumindo as bandeiras do “orgulho conservador”, inclusive em temas mais difíceis para a sensibilidade evangélica como a defesa das armas ou a educação domiciliar (*homeschooling*).

Não há dúvida de que essa relação é orgânica e novos políticos eleitos ou reeleitos com grande votação da direita, através de partidos de direita, denotam uma estratégia bastante clara nessa direção.

6.2 A centralidade das pautas morais no ativismo evangélico

Muitos analistas previram que essas eleições não seriam “contaminadas” pelas fake news e desinformação que rondou as eleições de 2018 com relação às pautas morais ou de costumes. O que se viu no monitoramento foi a ampliação do repertório sobre pautas morais



no ecossistema da extrema direita evangélica. O neoconservadorismo evangélico militante reivindica-se como o principal fiador da construção de nação ancorada em um discurso de “domínio moral” sobre as forças do mal.

Especialmente temas que têm sido amplamente trabalhados nos últimos anos como aborto, ideologia de gênero e legalização das drogas, como principais motores da máquina de produção de pânico moral. Assim como a insistência na associação do PT e de Lula, extensível à toda a esquerda, com a corrupção, com a finalidade de reforçar os estigmas que pesariam sobre os evangélicos que, dizendo-se portadores dos valores, princípios e crenças cristãs, estariam dispostos a apoiar um “ladrão”.

6.3 Um ecossistema multiplataforma em conexão com suas bases

A eficácia do ecossistema evangélico nas redes sociais está relacionada ao alto investimento em um processo midiático de longo curso em que diferentes perfis e canais de lideranças pastorais, políticos profissionais, influenciadores, artistas, comunicadores e portais de notícias e de conteúdo online se conectam às estruturas do complexo industrial evangélico que incluem ajuntamentos semanais nas igrejas locais, em que o pastor ou liderança local introduz ou reforça liturgicamente as poucas conservadoras, e grandes ajuntamentos e mobilizações

de massa, como as Marchas pra Jesus ou eventos como The Send, em que pastores, celebridades, influenciadores e artistas reiteram ritualmente o caráter supostamente unitário do evangelicalismo como uma comunidade moral que pretende votar e se engajar em um projeto partilhado.

6.4 Radicalização: nem os moderados herdarão o reino dos céus

Embora não totalmente confortáveis com o modo como Jair Bolsonaro e seus aliados de primeira hora nas elites políticas e pastorais evangélicas conduziram a gestão das políticas públicas

em várias áreas do governo, como na educação, no meio ambiente ou na saúde, na condução da pandemia, e as alianças com o Centrão, os pastores e influenciadores não tergiversaram em sua luta do bem contra o mal.

O processo de radicalização dos setores mais fortemente ligados ao núcleo do bolsonarismo foi até as últimas consequências em estabelecer uma lógica do tudo ou nada, do nós contra eles, do bem contra o mal, do lado de Deus e o lado do diabo. O segundo turno das eleições não só ensejou a circulação de fake news que tornou o “kit gay” um ataque amador, como se testemunhou um viés autoritário e excludente que forçou vários pastores e lideranças a se

posicionarem claramente em favor de Bolsonaro, seguindo a máxima do novo jargão do neoconservadorismo militante: “cristão não vota na esquerda”.

6.5 O “fundamentalismo evangélico” é o maior inimigo da democracia brasileira?

As eleições presidenciais de 2022 foram palco de disputas acirradas entre o campo democrático, articulado numa frente ampla de partidos, organizações, movimentos, artistas, intelectuais e personalidades diversas, e o bolsonarismo imbuído de testar os limites da democracia e corroê-la por dentro. O que tem sido chamado nas

disputas nas redes de “fundamentalismo evangélico”, que preferimos chamar de neoconservadorismo militante, assumiu um protagonismo nunca antes visto na história da República brasileira, na assunção a céu aberto de um discurso teológico-político abertamente dominionista e bélico. Qual o seu impacto sobre a democracia brasileira? Estariam os evangélicos, suas lideranças, comunidades e organizações bolsonarizadas a tal ponto de se consolidarem como uma das principais bases da extrema direita?

O monitoramento das redes sociais de todo o ecossistema evangélico realizados ao longo das eleições nos apontam, até onde podemos apreender, um duplo proces-



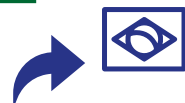
so em aberto. Por um lado, setores importantes das elites evangélicas que enxergaram no bolsonarismo uma possibilidade nunca antes vista de acoplarem seu ethos discursivo e aparato teológico-político conservador à plataforma emergente da extrema direita bolsonarista, como uma das suas expressões ideológicas. Por outro lado, um setor minoritário, mas não menos importante, integrado de formas variadas e com capacidades estratégicas múltiplas no âmbito da plataforma democrática, foi capaz de figurar como um aliado indispensável

para o desordenamento da univocidade antidemocrática evangélica, conseguindo produzir fissuras no discurso de “maioria cristã” conservadora e de direita.

Cabe ao campo democrático em âmbito civil e na política institucional nesse próximo ciclo amadurecer a tarefa de desmobilizar o discurso de ódio e da guerra, aprofundando as estratégias de fortalecimento da solidariedade, da justiça e da equidade em conexão com práticas concretas e multinível de diálogo democrático e cooperação pelo bem comum.



Expediente



Bruna Galvão

Diretora Executiva e de Estratégia

Leon Souza

Diretor de Engajamento Social

Michelle Monteiro

Líder Criativa

Vanessa Barboza

Assessora de Campanhas

Ricieri Benedetti

Assessor de Campanhas

Relatório Evangélicos

nas Redes e Eleições 2022

Flávio Conrado

Assessor de Campanhas Sr.

Andréa Laís

Assessora de Pesquisa

Viviane Costa

Assessora de Pesquisa

Matheus Pestana

Analista de Dados

CaSa
Galileia



casagalileia.com.br
[@casagalileia](https://www.instagram.com/casagalileia)